

4.

O Espírito superando a morte e gerando vida

A partir do exposto, tentou-se demonstrar como o princípio de autoridade e a hierarquia que são fundamentais para a subsistência de qualquer tipo de grupo ou instituição humana, aos poucos, foram sendo utilizados para controlar os rumos das Igrejas cristãs. Conquanto se reconheça que na primeira comunidade de Jerusalém não tenha sido assim, no processo de desenvolvimento de autoridade, mesmo em algumas comunidades primitivas, já houve um pequeno distanciamento da experiência vivida no Espírito, no dia de Pentecostes. Percebeu-se que a ação do Espírito em Pentecostes longe de dividir, distanciar, separar ou dominar as pessoas, visava unir, aproximar, acolher e incluir, na comunidade cristã, todos aqueles que se encontravam reunidos, independentemente de raça, cor, credo ou religião (Cf. At 2,5ss). Justamente, o inverso da confusão que houve na construção da Torre de Babel (Cf. Gn 11,19). Todavia, ao longo da história, no processo de institucionalização das Igrejas cristãs, devido a alguns excessos das lideranças eclesiais, esse distanciamento foi se agravando, culminando com o enrijecimento das estruturas eclesiais, bem como, com o autoritarismo religiosos e espiritual que produziu somente morte, e dificultou o reflorescimento da vida.

Não obstante, assim como os Pais da Igreja compreenderam, sabe-se que o Espírito Santo procede do Pai e foi enviado pelo Pai e pelo Filho (Cf. Jo 14,16.26; 16,7). Ademais, Ele age indistinta e imprevisivelmente, em qualquer lugar. No entanto, convém ressaltar que não se pode dissociar a experiência do Espírito do seguimento de Jesus Cristo. Até porque, não se sabe o momento, nem o lugar em que o Espírito agirá, porque Ele sopra quando e onde quer (Cf. Jo 3,8). Nesse sentido, não é possível apreender especificamente a essência do Espírito. Todavia, pode-se conhecê-lo pela experiência concreta, pelo acolhimento e pela vivência no caminho de Jesus Cristo. Isso porque o Espírito Santo habita e age no interior de cada ser humano (Cf. Jo 14,17; Rm 8,11.26-27; 1Cor 3,16; 6,19; 2Tm 1,14;

1Jo 2,27), produzindo amor, unidade, paz e vida (Rm 8,16; Gl 5,22; Ef 4,3ss). Dessa forma, o Espírito Santo constitui a essência da alma dos cristãos e, por conseguinte, das Igrejas cristãs. Pois, assim como Ele agiu no dia de Pentecostes transformando aquele grupo de seguidores de Jesus, completamente amedrontados pelas circunstâncias históricas, em pregadores audaciosos da Boa Nova, dispostos a morrer pela causa cristã, como remonta a Tradição; o Espírito continua agindo no interior de cada cristão ¹⁵⁶.

Sendo assim, convém compreender e refletir sobre como os autoritarismos religioso e espiritual podem ser superados nas comunidades cristãs. Ou seja, qual o possível caminho que as Igrejas cristãs poderiam trilhar a fim de manter unida a hierarquia eclesial à membresia da Igreja, sem cercear ou limitar a ação do Espírito no interior de cada cristão e, por extensão, de toda a comunidade.

4.1.

O autoritarismo espiritual

Após acompanhar o desdobramento da utilização do princípio de autoridade nas comunidades cristãs, observa-se que o clero e a hierarquia, que *a priori* foram estabelecidos com o objetivo de proteger as Igrejas, aos poucos, tornaram-se autoritários. Conforme Lutero, sintetizando o pensamento dos reformadores em relação à autoridade concedida por Cristo, poder-se-ia afirmar que “para quem crê, tudo é proveitoso, nada é prejudicial. Para quem não crê, tudo é prejudicial, nada é proveitoso” ¹⁵⁷. No entanto, em algumas comunidades locais, principalmente no meio protestante, a constatação que se faz é bem diferente. Muitas pessoas têm sido feridas, maltratadas, e, às vezes, até humilhadas em algumas Igrejas cristãs, sobretudo nos meios Pentecostais e Neo-Pentecostais ¹⁵⁸.

¹⁵⁶ Cf. TEPEDINO, *op. cit.*, p. 15.

¹⁵⁷ LUTERO, *Obras Seleccionadas, op. cit.*, p. 412.

¹⁵⁸ Cf. CÉSAR, Marília de Camargo. *Feridos em nome de Deus*. São Paulo: Mundo Cristão, 2009. Ao menos, essa foi a constatação que a jornalista Marília Camargo César fez nessa obra.

Com efeito, o abuso espiritual tem sido cometido em um campo sagrado, isto é, no coração humano. Contudo, as feridas produzidas não se limitam apenas ao campo da espiritualidade. Elas podem abarcar as dimensões: física, emocional, material e espiritual. Ademais, paradoxalmente, tanto os ofendidos quanto os ofensores, são vítimas de um sistema opressor. Na verdade, na maioria dos casos, os últimos tendem a reproduzir um comportamento já vivenciado antes ¹⁵⁹; ou ainda, simultaneamente, são manipulados e manipulam, tornando-se dignos de compaixão. Seja como for, isso não diminui a dor, a angústia, as mágoas ou os ressentimentos provocados na alma daqueles que são feridos em nome da religião ou de Deus. A jornalista Marília Camargo César fez algumas pesquisas e entrevistas com pessoas de fé que haviam sido feridas em nome de Deus. Ela retratou a dor, a angústia e o desamparo de pessoas que foram machucadas onde esperavam solidariedade, alegria e amparo, a saber: na Igreja de Jesus Cristo ¹⁶⁰.

Ricardo Barbosa de Souza já havia advertido que a visão do Evangelho em algumas Igrejas cristãs Protestantes, principalmente, carismáticas estava, no mínimo, deturpada. Segundo o autor, algumas pessoas começaram a acreditar que servir a “Deus é um bom negócio” ¹⁶¹, visando apenas algum tipo de benefício pessoal. Os cultos, fortemente movidos pelas emoções, tornaram-se um instrumento eficaz na manipulação do poder. As manifestações dos dons espirituais se tornaram cada vez mais visíveis, impressionando facilmente os fiéis. Diferentemente, do protestantismo clássico, em que os cristãos eram chamados à conversão, exigindo-se uma mudança prática de vida.

Dessa forma, alguns fiéis confundiram a voz da liderança eclesiástica com a voz de Deus, justamente, por estarem muito envolvidos emocionalmente com a Igreja, e, até mesmo, com o próprio líder espiritual ou por buscarem, constantemente, algum tipo de benefício. Ao invés disso, os cristãos precisariam aprender a confiar mais nas verdades bíblicas e não tanto em suas emoções. Pois, a própria Escritura afirma que o coração do ser humano é falso, enganoso,

¹⁵⁹ Cf. FREIRE, Paulo. *Pedagogia do oprimido*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987. p. 32. Nessa obra Paulo Freire fez uma brilhante análise a respeito da justificativa para a opressão humana e afirmou que normalmente quando uma pessoa se percebe como oprimida a tendência é, primeiramente, tornar-se opressora “aderindo”, a personalidade do opressor.

¹⁶⁰ Cf. CÉSAR, *op. cit.*, p. 15. Nesta obra a autora faz sérias críticas sobre o abuso de autoridade espiritual, principalmente, nas Igrejas Pentecostais e Neo-Pentecostais.

¹⁶¹ SOUZA, Ricardo Barbosa de. *O caminho do coração*. Curitiba: Encontro Publicações, 2004. p. 48. O autor é um pastor presbiteriano.

corrupto; e ninguém pode conhecê-lo (Cf. Jr 17,9). Ademais, Jesus ensinava que do interior do coração humano é que procedem as intenções malignas (Cf. Mc 7,21). Portanto, em matéria de fé, não parece nada seguro confiar em si mesmo, ou principalmente, em outros. Aliás, lembrando as palavras do profeta Jeremias, quem procede de tal forma é maldito (Cf. Jr 17,5).

Por isso, Marília C. César constatou que a decepção com a liderança pastoral eclesial é uma experiência gradual ¹⁶². Aos poucos, os fiéis vão percebendo que também no meio cristão, há intrigas, competições, favoritismos, etc. Além disso, as pessoas são tratadas de forma diferenciada de acordo com o *status* político, social, financeiro ou espiritual, que possuem. É inacreditável, como alguns cristãos não percebem o ensinamento bíblico de que “Deus não faz acepção de pessoas” (Dt 10,17; At 10,34; Rm 2,11; Gl 2,6; Ef 6,9; Cl 3,25; Tg 2,1; 1Pd 1,17). Deus é imparcial. Não há possibilidade de manipulá-lo.

Com efeito, o ativismo religioso tem sido outra ferramenta eficaz na manipulação espiritual de muitos cristãos. Nunca se criou tantos “projetos de Deus” nas Igrejas cristãs. De fato, muitos desses projetos são fundamentais na vida da Igreja e beneficiam muitas pessoas, tais como: creches, escolas, casas de recuperação de viciados, etc. Mais do que isso, alguns são essenciais para demonstrar a caridade cristã e fazer com que os discípulos de Jesus Cristo, desse tempo, sejam reconhecidos (Cf. Jo 13,35). Porém, transformar projetos sociais em mero ativismo religioso, colocando em segundo plano o relacionamento com Deus, parece ser um pouco demais. Com isso, não se pretende enfatizar uma visão pietista da realidade. Mas, também, não se deve menosprezar a busca por um relacionamento íntimo e pessoal com Deus, por uma vivência do seguimento de Jesus Cristo, a qual redunde em liberdade e amor concreto, àqueles que são alcançados pela graça divina (Cf. Ef 2,10). Dessa forma, o que se pretende afirmar é que quando as pessoas confundem a fé com a expressão da fé, podem ser facilmente dominadas e manipuladas. Ademais, alguns discursos das lideranças eclesiais são incoerentes com a sua *práxis*. Alguns pastores afirmam que não se deve ostentar uma vida de riquezas, porém, vivem cercados pela luxúria. Possuem seguranças particulares, carros luxuosos, viajam o mundo inteiro, enquanto alguns fiéis jamais saíram de suas cidades natais. Enfim, o abuso de

¹⁶² Cf. CÉSAR, *op. cit.*, p. 29.

poder espiritual causa vergonha, indignação, frustração e, até certo ceticismo, naqueles por ele, experimentados.

A autora define abuso como “o encontro entre uma pessoa fraca e uma forte, em que a forte usa o nome de Deus para influenciar a fraca e levá-la a tomar decisões que acabam por diminuí-la física, material ou emocionalmente” ¹⁶³. Há várias expressões que podem sugerir o abuso espiritual: “Quem é contra o pastor, é contra o Espírito”, “Quem não concorda com a visão da Igreja (visão pastoral), está fora da visão de Deus” (como se Deus só falasse ao pastor); “Quem não obedece ao pastor, desobedece a Deus” (como se o pastor representasse o próprio Deus). Dessa forma, alguns líderes religiosos têm se aproveitado da fé dos fiéis para cometerem todo tipo de torpezas. Como bem observou o teólogo católico Hugo Assmann, considerado um dos principais expoentes da Teologia da Libertação no Brasil, muitos se aproveitam do poder da mídia, para realizar fantasias, enriquecer seus patrimônios, alcançar fama, enfim, construir verdadeiros impérios ¹⁶⁴. Contudo, em alguns casos, os próprios cristãos são co-responsáveis por tais práticas, na medida em que permitem e aceitam obedecer cegamente, ao autoritarismo religioso e espiritual imposto a eles.

Com efeito, deve-se considerar que não é tão simples e fácil escapar do abuso espiritual. Algumas pessoas procuram as autoridades espirituais quando estão enfrentando algum tipo de adversidade. Problemas familiares, enfermidades físicas ou emocionais, dificuldades no casamento, são alguns dos motivos pelos quais as “ovelhas” procuram um pastor. Esse é um ambiente propício para que se estabeleça um nível de confiança e proximidade. Contudo, após conquistar a simpatia do fiel fragilizado, o líder espiritual tem diante de si a possibilidade de instaurar um relacionamento de total dependência, culminando com o autoritarismo espiritual ¹⁶⁵.

¹⁶³ *Ibid.*, p. 35.

¹⁶⁴ Cf. ASSMANN, Hugo. *A Igreja eletrônica e seu impacto na América Latina*. Petrópolis: Vozes, 1986. p. 155. Em sua brilhante obra sobre a *Igreja eletrônica*, Hugo Assmann, há muito tempo já advertia que alguns famosos “pregadores” do Evangelho, como Oral Roberts, Rex Humbard, Jimmy Swaggart, Jerry Falwell, Pat Robertson, R. R. Soares, Bispo Macedo, José de Paiva neto e outros, que utilizavam os meios de comunicação, o rádio e a televisão, para obter vantagens sobre a fé do povo de Deus. Fabricando sonhos, esperanças e uma geração de idólatras. Para Assmann, a *Igreja eletrônica* constitui um forte meio de manipulação, dominação e opressão, daqueles que necessitam da legitimação religiosa da fé.

¹⁶⁵ Cf. LUDOVICO, Osmar. *Meditatio*. São Paulo: Mundo Cristão, 2007. Cf. Osmar Ludovico que demonstra em sua obra como alguns líderes espirituais têm usado o ativismo religioso para criar relacionamentos de dependência nas Igrejas.

Não obstante, algumas pessoas parecem atrair e se alimentar dessa dependência espiritual, preferindo-a ao invés da cura. Elas transferem a responsabilidade de fazer as suas próprias escolhas para os seus líderes espirituais, tornando-se facilmente manipuláveis. Prova disso, é que os pastores que ensinam as pessoas a buscarem sabedoria com fé, a fim de que elas não sejam “levadas pelo vento de doutrinas”, nem presas pelas artimanhas e astúcia humanas (Cf. Tg 1,5-6; Ef 4,14), não são muito populares. Antes, algumas pessoas preferem aqueles que usam jargões prontos e dizem a elas o que precisam fazer ¹⁶⁶.

Paradoxalmente, como bem observou Rubem Alves, o ser humano tem um desejo ardente de ser livre, mas teme a liberdade. Ele quer voar, porém, tem medo de altura. Nas palavras do autor: “Para voar é preciso amar o vazio. Porque o voo só acontece se houver o vazio. O vazio é o espaço da liberdade, a ausência de certezas” ¹⁶⁷. Ao que parece tem sido difícil, sobretudo, no meio cristão, viver a “ausência de certezas”. Ao contrário, para alguns cristãos, eclesiástica e espiritualmente, parece haver uma forte tendência a abdicar da liberdade, em favor da segurança. É como se o fato de aceitar cegamente a liderança espiritual obedecendo a tudo o que é dito e exigido, garantisse algum tipo de certeza humana, ou, até mesmo, de favor divino. A obediência total às autoridades eclesiásticas funcionaria como um antídoto para aplacar, por assim dizer, a ira divina. Como no AT, que quando era constatado algum tipo de abominação, a obediência a Deus era caracterizada pelo sacrifício do anátema, para que Iahweh abandonasse o furor da sua cólera e concedesse o seu perdão (Cf. Dt 13,13ss). Ademais, havia a crença de que se Israel obedecesse à voz de Deus seria ricamente abençoado (Cf. Dt 28,1-14). Todavia, caso o povo não obedecesse à voz de Iahweh todas as maldições da Lei viriam sobre eles (Cf. Dt 28,15). Da mesma forma, os evangelistas reconheceram nos ditos de Jesus, instruções comparando aqueles que ouvem e praticam as suas palavras como homens (e mulheres) sensatos (Cf. Mt 7,24-27; Lc 6,46-49). Além disso, Jesus recebera como sua família apenas aqueles que fazem a vontade de Deus (Cf. Mc 3,35; Mt 12,46-50; Lc 8,19-21). Ele afirmou que felizes são os que ouvem e observam a

¹⁶⁶ Cf. CÉSAR, *op. cit.*, p. 39. De acordo com a autora muitas pessoas não sabem ou têm medo de fazer uso da sua liberdade.

¹⁶⁷ Cf. ALVES, Rubem. *Religião e repressão*. São Paulo: Loyola, 2005. p. 9.

Palavra de Deus (Cf. Lc 11,28); e, condicionou o amor a Ele à prática da sua palavra (Cf. Jo 14,23; 15,10; 1Jo 2,4-6).

Enfim, é possível citar inúmeros textos, tanto no AT quanto no NT, que são utilizados a fim de alimentar essa visão autoritária que exige obediência absoluta. Contudo, essa mentalidade de obedecer cegamente à autoridade política ou religiosa, parece ter sido questionada no próprio NT. Ao que tudo indica, mesmo Jesus, na visão joanina, teria submetido a autoridade política e jurídica de Pilatos, a Deus: “Não terias poder algum sobre mim, se não te fosse dado do alto” (Jo 19,11). E, Pedro, juntamente com os apóstolos, diante do Sumo sacerdote, do Sinédrio e do Senado, afirmaram: “É preciso obedecer antes a Deus do que aos homens” (At 5, 29). Dessa forma, os cristãos devem respeitar e obedecer às autoridades eclesiásticas. Porém, devem refletir e, se for o caso, questionar se elas, de fato, vivem e agem pelo Espírito de Deus (Cf. 1Jo 4,1-6).

Na verdade, não é prudente aos cristãos abdicar da razão em favor do autoritarismo eclesiástico ou espiritual, nem em favor de um dogma cristalizado. Nesse caso, deve-se recordar o exemplo de Galileu Galilei, que ao fazer descobertas científicas e postular a sua visão heliocêntrica da terra, foi forçado a repudiar, amaldiçoar e execrar o seu trabalho, e por não aceitar esta imposição eclesiástica, terminou condenado à prisão perpétua domiciliar. Contudo, ele afirmou: “Não me sinto forçado a acreditar que o mesmo Deus que nos agraciou com senso, razão e intelecto pretendeu que renunciássemos a seu uso”¹⁶⁸. Sendo assim, não se deve negligenciar a capacidade de fazer escolhas, nem menosprezar o uso da razão, por meio da reflexão, que Deus mesmo concedeu ao ser humano. Nem também, o que é ainda pior, transferir a responsabilidade de decisões pessoais às lideranças eclesiásticas ou ao pastor. Porém, a infantilidade do ser humano faz com que esse eleja a Igreja ou algum representante de Deus, a fim de prover segurança e bem-estar social para si mesmo. Dessa forma, ele transfere para o relacionamento com o sagrado, responsabilidades que lhe são pertinentes, demonstrando assim, imaturidade emocional e espiritual, e se esquecendo ou negligenciando por completo a advertência paulina, a saber: todos comparecerão ao tribunal de Deus (Rm 14,10) e de Cristo para receberem a recompensa do que

¹⁶⁸ COLLINS, Francis Sellers. *A Linguagem de Deus: um cientista apresenta evidências de que Ele existe*. São Paulo: Gente, 2007. p. 164. GALILEI, Galileu in *Carta à grã-duquesa Cristina*, em 1615 *apud* COLLINS, Francis Sellers.

tiverem feito durante a sua vida por meio do corpo, “seja para o bem, seja para o mal” (2Cor 5,10).

Deve-se ressaltar ainda que nem todos os líderes espirituais que cometem abuso espiritual o fazem apenas porque são manipuladores e inescrupulosos. Muitos líderes religiosos normalmente acreditam em uma visão de Deus. E, por isso, agem em nome Dele. Eles querem proteger as suas ovelhas, contra os perigos que as cercam. Porém, algumas vezes, tornam-se extremamente idealistas. Alguns chegam a usar o medo para proteger aqueles que estão sob o seu domínio. Contudo, em At 2,16-21, Deus cumpriu a promessa de que Ele derramaria o seu Espírito sobre toda a carne, sem distinção; e todo aquele que invocasse o nome de Iahweh, seria salvo (Cf. Jl 3,1-5; At 2,21).

Por fim, a busca pelo poder institucional através dos dons e carismas do Espírito, de uma posição de destaque na estrutura religiosa ou da titulação acadêmica tem levado muitos líderes espirituais a desprezarem sua verdadeira missão: servir e amar pessoas. O cuidar de pessoas é a tarefa pastoral mais relevante. Principalmente, porque na experiência espiritual cristã com o Espírito, não há hierarquia. Qualquer cristão tem condições de viver e andar pelo Espírito (Cf. Gl 5,25). Pode e, certamente, deve haver hierarquia no governo eclesiástico, mas, ninguém precisa de um líder eclesiástico ou de um “agente de milagres” para se relacionar com Deus. Jesus Cristo é o único mediador espiritual entre Deus e os homens (Cf. 1Tm 2,5). Foi Cristo quem morreu pelo ser humano, quando este ainda estava afastado de Deus (Cf. Rm 5,8). Portanto, diante de Deus, todos os seres humanos possuem as mesmas aptidões para vivenciarem uma experiência pessoal com Ele, por intermédio do Espírito Santo. Pois, todos foram criados à imagem e semelhança de Deus (Cf. Gn 1,26). Todavia, obviamente, essa experiência não pode ser vivida à margem da Igreja. Todos aqueles que de fato amam a Deus, alegram-se e têm a necessidade de estar na casa Dele, isso é, na Igreja (Sl 26,8; 27,4; 84,10; 122,1). Portanto, cabe ao pastor cumprir a mesma missão que foi confiada, por Jesus, ao apóstolo Pedro que é “apascentar” o rebanho de Cristo (Cf. Jo 21,15-17). Sendo assim, a autoridade espiritual deve ser exercida sem interesse, dominação, manipulação ou opressão; antes, com alegria, humildade e amor, doando-se e vivendo o seguimento de Cristo no Espírito (Cf. 1Pd 5,1ss).

4.2.

A pneumatologia como superação nos Atos dos Apóstolos, nas comunidades paulinas e nas comunidades joaninas

Ao longo dessa pesquisa, percebeu-se que, de certa forma, o medo da ação do Espírito contribuiu para que as lideranças eclesiais limitassem ou tentassem contê-lo, culminando com o autoritarismo nas Igrejas cristãs. Conquanto a Igreja tenha sido instituída por Cristo, por meio do Espírito Santo, desde a sua origem já se percebia a necessidade de uma renovação nas estruturas das comunidades cristãs primitivas. Isso porque, é possível perceber que os primeiros cristãos já enfrentaram fortes resistências, internas e externas, no processo de formação das comunidades. Havia muitas disputas religiosas e muitas perseguições. Após a morte de Jesus, os próprios discípulos ficaram desorientados, não sabiam exatamente qual direção seguir. A crise era tão intensa que alguns deles voltaram a pescar e tiveram dificuldades em reconhecer o seu próprio Mestre (Cf. Jo 21,1-8). Ademais, eles ficaram estáticos olhando para o céu, por ocasião da ascensão de Jesus Cristo (Cf. At 1,6-11). Sendo assim, o Espírito Santo foi essencial para que os discípulos superassem os seus medos e as suas crises interiores. E, cheios do Espírito, pudessem enfrentar inclusive a morte, como no caso de Estevão (Cf. At 7,55-60). Além disso, a ação do Espírito também foi fundamental, no processo de formação das comunidades cristãs primitivas, para que elas se fortalecessem, resistissem e superassem todos os conflitos religiosos, eclesiais, étnicos e culturais, do seu tempo.

4.2.1.

A pneumatologia como superação nos Atos dos Apóstolos

Apesar do enrijecimento eclesial já estar presente mesmo no início da primeira comunidade cristã em Jerusalém, pode-se perceber no livro dos Atos, os primeiros sinais de superação do Espírito. O livro dos *Atos dos Apóstolos* tem como um dos objetivos principais demonstrar como o Evangelho superou as barreiras religiosas, raciais, culturais e até geográficas, as quais, limitavam a ação do Espírito ¹⁶⁹.

Como bem observou Y. Congar, o Espírito foi o co-instituinte da Igreja. A Igreja é “a fecundidade, fora de Deus, das Processões trinitárias” ¹⁷⁰, porém, fruto da própria relação entre Deus Pai, o Filho e o Espírito Santo. Ou seja, é pela ação do Espírito que a Igreja foi instituída em Jerusalém e, pelo mesmo Espírito que Deus a alimenta e a faz crescer (Cf. At 2,1-47; 4,4; 5,14; 6,7; 9,31; 11,21.24; 12,24; 13,48-49; 19,20). Todavia, em seu início, a futura Igreja precisou superar alguns desafios. Contudo, o Espírito desceu sobre os que estavam reunidos e encheu a todos, superando as barreiras étnicas e religiosas (Cf. At 2,1-11).

O primeiro discurso de Pedro, após a descida do Espírito em Pentecostes, parecia ser o prenúncio de tudo aquilo que estaria por vir. Logo após esse discurso (Cf. At 2,14-36) as pessoas que estavam reunidas foram levadas a um arrependimento genuíno e cerca de três mil foram batizadas (Cf. At 2,37-41). O Espírito assistia à comunidade e “o Senhor acrescentava a cada dia ao seu número os que seriam salvos” (At 2,47). Além disso, aquele mesmo Pedro que antes negara a Cristo (Cf. Mc 14,66-71; Mt 27,69-75; Lc 22,54-62; Jo 18,15-27), agora cheio do Espírito Santo, supera seus medos e com intrepidez declara ao Sinédrio, corajosamente, que o seu poder e autoridade provinha do nome de Jesus Cristo (Cf. At 4,8-10), e que o mais importante era “obedecer a Deus e não aos homens” (At 5,29). O Espírito superou as mentiras (Cf. At 5,3.9-11) e assistiu à Estevão em sua hora final (Cf. At 7,55). Tornou-se objeto de disputa como no caso de Simão que iludia as pessoas com a sua arte e ao perceber que Filipe fazia sinais que ele não podia fazer, passou a segui-lo (Cf. At 8,13). Entretanto, com a chegada de Pedro e João, e após perceber que estes possuíam poderes ainda maiores do que Filipe, pois pela imposição das mãos destes, aqueles que haviam se convertido receberam o Espírito Santo, Simão ofereceu dinheiro para obter esse poder (Cf. At

¹⁶⁹ Cf. STAGG, *op. cit.*, p. 29. Pelo menos, esta é a posição de Frank Stagg.

¹⁷⁰ CONGAR, *Ele é o Senhor e dá a vida*, *op. cit.*, 2005. p. 20.

8,15-19). Y. Congar entende esse episódio, como uma forma do poder do Espírito ser levado, por Pedro e João, para fora de Jerusalém ¹⁷¹. Se ele estiver correto, caracteriza-se a consolidação da promessa feita por Jesus e, por conseguinte, a expansão geográfica da fé cristã (Cf. At 1,8). Nesse caso, percebe-se que, além da superação territorial, o Espírito utilizou as dificuldades para vencer também as diferenças sociais a fim de promover igualdade, fraternidade e solidariedade entre as comunidades cristãs ¹⁷² (Cf. Gl 3,28).

Não obstante, o Espírito prosseguiu conduzindo os discípulos (Cf. At 8,29; 10,19; 13,2.4; 16,6.7; 20,22). Com efeito, o caso de Cornélio serviu para demonstrar o poder de superação do Espírito sobre as tradições religiosas e eclesiais. Pedro teve uma visão que o levaria a ultrapassar o seu conceito de pureza (Cf. At 10,9-16). Porém, ele precisou explicar aos apóstolos que estavam em Jerusalém, porque “os gentios haviam recebido a palavra de Deus” (At 11,1ss). Isso demonstra que já nesse tempo havia uma preocupação eclesial em controlar o rumo da Igreja. Todavia, a resposta de Pedro é, no mínimo, desconcertante: “se Deus lhes concedeu o mesmo dom que a nós, que cremos no Senhor Jesus Cristo, quem seria eu para impedir a Deus de agir” (At 11,17). Dessa forma, o Espírito superou o autoritarismo eclesial de Jerusalém.

Com efeito, o Espírito designou Barnabé e Saulo a fim de que estes fossem usados para levar o Evangelho aos gentios (Cf. At 13,2ss). E, não somente os separou, mas esteve com eles, auxiliando-os inclusive nas decisões que foram tomadas em Jerusalém, em relação a circuncisão, que era motivo de controvérsias em Antioquia (Cf. At 15,1-29). Dessa forma, o Espírito contribuiu, fundamentalmente, para a superação dos problemas de relações sociais, nas comunidades locais. Além disso, o Espírito conduziu Paulo para esclarecer o desconhecimento de alguns neófitos, na cidade de Éfeso, que pareciam conhecer somente o batismo de João (Cf. At 19,1-7). Certamente, estes deviam ignorar o derramamento do Espírito sobre toda a carne e não o Espírito em si. Seja como for, o Espírito usou a vida de Paulo para que houvesse uma superação do batismo de João, pelo batismo do Espírito.

¹⁷¹ *Ibid.*, p. 256.

¹⁷² Cf. SCHILLEBEECKX, *op. cit.*, p. 58.

Por fim, R. Brown afirma que o Espírito superou a autoridade eclesial que havia sido atribuída aos discípulos por Jesus (Cf. At 1,8; 2,4; 4,33; 6,8; 8,17; 19,11), demonstrando que essa autoridade foi conduzida pelas ações do Espírito Santo que permaneceu constituindo “guardiães para apascentar a Igreja de Deus, que ele adquiriu para si pelo sangue do seu próprio Filho” (Cf. At 20,28) ¹⁷³. Enfim, é importante ressaltar que apesar de todas as adversidades nas comunidades dos Atos, o Espírito Santo prevaleceu superando todos os obstáculos e o Evangelho continuou a ser proclamado “sem impedimento” (At 28,31).

4.2.2.

A pneumatologia como superação nas comunidades paulinas

Através das cartas paulinas é possível perceber que o Espírito foi essencial para que houvesse uma superação do sistema eclesiástico episcopal, evidenciado, sobretudo, na Igreja de Jerusalém, pelo sistema carismático. Nota-se que, de acordo com o pensamento paulino, a autoridade cristã é fruto do Dom do Espírito (Cf. Rm 8,9.14s; 1 Cor 12,13; Gl 3,26-27; 4,6; Tt 3,5ss). O acesso à vida cristã é pelo Espírito (Cf. 1Cor 6,11) e essa vivência se expressa e se realiza concretamente pela fé, através do ato batismal (Cf. Rm 6,3ss; Gl 3,2; Cl 2,12) ¹⁷⁴.

Não obstante, o Espírito foi o protagonista em ação, nas comunidades paulinas. Ele superou a antiga aliança (Cf. Rm 2,29; 6,14; 7,6; 2Cor 3,6; Gl 5,1.13), produzindo novidade de vida (Cf. Rm 7,6; 2Cor 5,17; Gl 6,15). Assim, a Lei do Espírito ultrapassou a lei do pecado e da morte. Logo, a condenação que havia sobre a humanidade por causa do pecado foi superada, em Cristo, pela ação do Espírito (Cf. Rm 8,1-2), pois “onde avultou o pecado, a graça superabundou” (Rm 5,20). Por isso, Paulo insistiu para que os cristãos vivessem conforme o Espírito a fim de que superassem os desejos da carne (Cf. Rm 8,5; Gl 5,16).

¹⁷³ BROWN, *As Igrejas dos apóstolos*, op. cit., p. 81.

¹⁷⁴ Cf. CONGAR, *Ele é o Senhor e dá vida*, op. cit., p. 250.

Outra consideração importante é a constatação de que, apesar de Paulo admitir e aceitar a necessidade de autoridade eclesial para apascentar o rebanho de Deus, tanto a autoridade concedida a Paulo, quanto por ele, não era uma autoridade doutrinária, mas sim, missionária e carismática (Cf. At 20,28; Rm 12,6-8; 1Cor 12,4-11; Ef 4,11). Essa autoridade paulina era oriunda da ação do Espírito. Talvez, por isso, E. Schillebeeckx entenda que o Espírito superou o sistema eclesiológico de autoridades locais, nas comunidades cristãs paulinas ¹⁷⁵. Isso aconteceu porque nessas comunidades, apesar de haver títulos oficiais na eclesiologia, estes não eram necessariamente vinculados a essas autoridades. Antes, eles eram decorrentes dos carismas do Espírito Santo.

Não obstante, o Espírito influenciou as comunidades paulinas suscitando no meio delas, líderes carismáticos de acordo com as necessidades a fim de que as dificuldades ministeriais fossem superadas (Cf. Rm 12,6; 1Cor 12,7; Ef 4,12). Isso porque, apesar de haver uma forte tendência à formalização e à institucionalização dos ministérios ¹⁷⁶, as Igrejas buscavam estruturar as suas lideranças locais por meio dos carismas. O Espírito Santo capacitou uns para apóstolos, outros para profetas e alguns para doutores (Cf. 1Cor 12,28; Ef 4,11) a fim de que eles proclamassem o Evangelho, ouvissem o Espírito, e transmitissem os ensinamentos Dele, com o objetivo de que toda a comunidade superasse as diferenças e fosse edificada em amor (Cf. Ef 4,16).

Convém ressaltar como a analogia paulina do corpo foi fundamental para demonstrar que o Espírito exigiu a superação da diversidade em função da unidade. Paulo esclareceu que da mesma forma que o corpo humano sendo apenas um possuía muitos membros, cada um com suas respectivas funções, também o Corpo de Cristo, ou seja, a Igreja foi constituída por vários carismas, e todos foram igualmente importantes (Cf. Rm 12,4-5; 1Cor 12,12-31). Sendo assim, deve-se observar que a diversidade não deveria promover disputas e divergências entre as Igrejas. Ao contrário, ela existe para que haja crescimento e aperfeiçoamento dos santos (Cf. Ef 4,12). Logo, tanto os carismas quanto as funções eclesiais deveriam ser exercidas sempre em função do todo. Até porque, embora houvesse uma diversidade de ministérios nas comunidades paulinas,

¹⁷⁵ Cf. SCHILLEBEECKX, *op. cit.*, p. 81.

¹⁷⁶ Cf. *Ibid.*, p. 84.

Paulo entendia que o Espírito que a promovia era o mesmo e com o objetivo de suprir as necessidades de toda a comunidade (Cf. 1Cor 12,4-7). Mais do que isso, Paulo afirmava que era o Espírito quem repartia os dons a cada cristão como Ele queria (Cf. 1Cor 12,11). Portanto, as diferenças sociais, hierárquicas e eclesiais, já haviam sido vencidas pelo próprio Espírito, pois, há “um só Espírito” (Ef 4,4).

Além disso, pode-se observar que a direção dada pelo Espírito para a superação do autoritarismo eclesial, passava pelo batismo de Cristo. Por meio dele, os cristãos se tornavam Filhos de Deus, condição para receber o Espírito (Cf. Rm 8,16). Dessa forma, Ele possibilitou, através do batismo e de Cristo, a superação não apenas das diferenças étnicas, mas, sobretudo, das discriminações raciais, sexuais e sociais. Assim, o Espírito trabalhou para promover a superação sobre todas as formas de opressão e escravidão, produzindo a verdadeira liberdade no meio da comunidade (Cf. 2Cor 3,17; Gl 5,18) e colocando todos os cristãos em condição de igualdade como filhos de Deus (Cf. Gl 3, 26-28). Afinal, “o Senhor é o Espírito, e, onde se acha o Espírito do Senhor, aí está a liberdade” (2Cor 3,17).

Por fim, Paulo apontou o caminho que o Espírito utilizou para superar a diversidade e, ao mesmo tempo, manter a unidade nas comunidades: o amor *ágape*. Em determinados momentos, Paulo renunciou a sua autoridade apostólica em favor do amor ¹⁷⁷. De certa forma, isso pode ser comprovado principalmente por meio da epístola aos Gálatas (Cf. 5,22) e do belíssimo hino à caridade registrado em 1Cor 13,1-13. No primeiro texto, é como se o Espírito concretizasse, por intermédio do amor *ágape*, a sua obra de restauração no interior do coração humano. Esse tipo de amor serviu como uma espécie de solo onde germinaram os demais frutos do Espírito, possibilitando a superação completa da lei da carne. No segundo exemplo, Paulo afirmou que o amor *ágape* era o caminho mais excelente de todos (Cf. 1Cor 12,31). Este tipo de amor superou todos os obstáculos. Portanto, ele é o princípio que deveria mover toda a existência cristã porque é a experiência de Deus que deve ser concretizada, na vida de cada cristão, no cotidiano. Não há motivação maior do que o este sublime amor. Toda forma de autoritarismo pôde ser superada, na comunidade de Corinto,

¹⁷⁷ Cf. WEGNER, *op. cit.*, pp. 83-89. Uwe Wegner demonstra que Paulo optou em solicitar a Filêmon as coisas referentes ao escravo Onésimo, ao invés de ordenar, quando teria autoridade para tal. Na visão do autor, o amor gerado na fé, por meio do Espírito, superou toda forma de imposição ou dominação.

por meio desse amor. De igual forma, quando o Espírito suscita esse amor no coração humano, todas as barreiras são destruídas. Porque ele “tudo desculpa, tudo crê, tudo espera, tudo suporta” (1Cor 13,7). Ainda convém destacar, como Paulo terminou esse lindo hino: “Agora, portanto, permanecem fé, esperança, caridade, essas três coisas. A maior delas, porém, é a caridade” (1Cor 13,13). Em suma, se o amor *ágape* permanecer no coração das autoridades eclesiais locais, bem como no coração dos fiéis, como ocorreu nas comunidades paulinas, o autoritarismo religioso e espiritual, certamente, será superado.

4.2.3.

A pneumatologia como superação nas comunidades joaninas

De início é de fundamental importância a observação feita por R. Brown em relação ao Espírito no Evangelho de João: “O Espírito aparece notavelmente em muitos livros do Novo Testamento mas o papel pessoal do Espírito no quarto evangelho, sob o título de *Paráclito* é único”¹⁷⁸. O novo nascimento no Espírito se tornou pré-requisito para entrar no Reino de Deus (Cf. Jo 3,5), superando toda a tradição religiosa e litúrgica judaica (Cf. Jo 4,23-24). Mais do que isso, este novo nascimento da água e do Espírito pode ser simbolizado pelo batismo cristão. Todavia, como bem observou Y. Congar, o batismo da água e do Espírito não podem ser dissociados¹⁷⁹. Sendo assim, o Dom do Espírito vivido e associado à pertença das Igrejas abre as portas para a superação do autoritarismo eclesial.

Com efeito, o *Paráclito* superou os mestres e doutores daquele tempo. Pois, Ele foi designado por Jesus para ensinar e relembrar aos seus discípulos, todos os ensinamentos do próprio Cristo (Cf. Jo 14,26). Ademais, Ele superou também os profetas, sendo enviado por Cristo, para testemunhar a seu respeito (Cf. Jo 15,26). E, além disso, cabia ao *Paráclito* revelar tudo a respeito das coisas futuras que se

¹⁷⁸ BROWN, *A comunidade do discípulo amado*, op. cit., p. 145. Convém destacar também que na maioria das Bíblias protestantes o termo grego *Parákletos* foi traduzido por Consolador.

¹⁷⁹ CONGAR, *Ele é o Senhor e dá a vida*, op. cit., p. 255.

desencadeariam após a morte de Cristo (Cf. Jo 16,13; 18,4) ¹⁸⁰; bem como, anunciar tudo o que Ele havia recebido de Cristo (Cf. Jo 16,15). Em suma, no quarto evangelho, o Espírito contribuiu eficazmente para que fossem superadas as diferenças e desigualdades que possivelmente houvesse entre os discípulos (Cf. Mc 10,35-40; Mt 20,20-23) quando Jesus O soprou sobre todos eles, concedendo-lhes poder para perdoar pecados (Cf. Jo 20,22-23).

O Espírito continuou agindo nas epístolas joaninas. Para E. Schillebeeckx, apesar das epístolas joaninas demonstrarem que havia o conhecimento de um ministério presbiterial (Cf. 2Jo 1,1; 3Jo 1), o Espírito superou qualquer pretensão de um autoritarismo doutrinal ou ministerial. Pois, todos os cristãos possuíam um poder pneumático, porque foram gerados por ocasião do novo nascimento do Espírito (Cf. Jo 3,3-9). Dessa forma, o Espírito se sobrepôs às diferenças humanas e religiosas constituindo uma comunidade igualitária onde somente o Espírito de Cristo tinha total preeminência ¹⁸¹. E, por conseguinte, toda a autoridade.

Não obstante, essa superação do Espírito se tornou visível, na compreensão joanina, por causa da permanência em Deus testemunhada pelo próprio Espírito (Cf. 1Jo 3,24; 4,13). No Evangelho de João, Jesus já advertira que a sua presença seria confirmada pelo amor, pois, os seus discípulos somente seriam reconhecidos como tais, se eles se amassem uns aos outros (Cf. Jo 13,34-35; 15,12). Apenas, mediante o amor-serviço que, como observou E. Schillebeeckx, em Jo 21,15-19 foi contraposto à autoridade hierárquica, o autoritarismo poderia ser superado. Por isso, Pedro se submeteu, por três vezes, ao critério do amor (Cf. Jo 21,15-17) ¹⁸². Com efeito, nessas comunidades os cristãos foram desafiados a viverem como Jesus e a marca de reconhecimento foi o amor (Cf. 1Jo 2,5-7; 2Jo 5-6). O amor-serviço deveria constituir a prática do viver como cristãos, pois “o amor vem de Deus” (1Jo 3,18; 4,8). Essa capacitação para viver o amor-serviço na prática diária, superando as formas de dominação e escravidão, foi oriunda do Espírito. Pois, todo cristão recebeu Dele a unção para viver a vida cristã (Cf. 1Jo 2,27) ¹⁸³.

Não obstante, nas comunidades joaninas o Espírito superou a autoridade religiosa humana. Por isso, os cristãos foram exortados a examinar os espíritos

¹⁸⁰ Cf. BÍBLIA SAGRADA. *Bíblia de Jerusalém*, op. cit., nota de rodapé “g”, p. 1884.

¹⁸¹ Cf. SCHILLEBEECKX, op. cit., p. 128.

¹⁸² Cf. *Loc. cit.*

¹⁸³ Cf. BÍBLIA SAGRADA. *Bíblia de Jerusalém*, op. cit., notas de rodapé “b” e “g”, p. 2127.

para saber se eles eram de Deus (Cf. 1Jo 4,1). Observa-se que havia líderes religiosos que estavam desviando os cristãos da verdade, os chamados anticristos (Cf. 1Jo 4,1-6; 2Jo 7-11). De certa forma, na compreensão joanina, Jesus relativizou a autoridade política de Pilatos, quando submeteu o poder dele a Deus (Cf. Jo 19,10-11). Contudo, em Jesus, residia o Espírito de verdade (Cf. Jo 1,32-33; 14,16-17; 15,26; 16,13). Assim, caracterizava-se a necessidade de discernir os espíritos para reconhecer “o espírito da verdade e o espírito do erro” (1Jo 4,6).

Por fim, como destacou Y. Congar, o Espírito Santo e os apóstolos sempre trabalharam unidos, um ao outro, por Cristo. Desde o dia de Pentecostes, quando a Igreja se manifestou ao mundo como nova criação, até os dias de hoje, a fim de dar continuidade à obra iniciada e realizada por Cristo ¹⁸⁴. Por isso, também nas comunidades joaninas, o ministério apostólico foi instituído por Cristo, por intermédio do Espírito Santo (Cf. Jo 20,21-22). Por conseguinte, a hierarquia eclesiástica recebeu do Espírito a mesma autoridade que os apóstolos. Contudo, nem o ministério apostólico nem a hierarquia esgotam ou encerram o agir do Espírito, em si mesmos. O Espírito supera a ambos, porém, não os anula. Ele possui autonomia que se manifesta, sobretudo, através dos dons espirituais e do amor-serviço, pois, o Espírito Santo não pode ser institucionalizado. Antes, Ele tem a sua liberdade preservada ¹⁸⁵. Afinal, na visão joanina, Jesus declarou: “O vento sopra onde quer e ouves o seu ruído, mas não sabes de onde vem nem para onde vai. Assim acontece com todo aquele que nasceu do Espírito” (Jo 3,8).

4.3.

O discernimento da ação do Espírito como superação ao autoritarismo

¹⁸⁴ Cf. CONGAR, *Introdução ao mistério da Igreja*, op. cit., p. 120.

¹⁸⁵ Cf. *Ibid.*, p. 136.

Até aqui, procurou-se demonstrar os perigos de se confundir a fé com a expressão da fé. Conquanto Cristo seja o fundamento permanente da Igreja e, por intermédio do Espírito Santo, animá-la, fortalecê-la e a fazer crescer (Cf. At 2,47)¹⁸⁶, pôde-se perceber que uma fé fideísta pode enfraquecer o Corpo de Cristo, levando os cristãos e a Igreja a distanciar-se cada vez mais, dos princípios fundamentais da fé cristã. Como foi demonstrado, o problema não reside no *Paráclito* em si, mas na forma como cada um O interpreta. Percebeu-se também, como o Espírito Santo atuou em algumas comunidades primitivas a fim de superar as formas de autoritarismo presentes, levando os primeiros cristãos por meio dos carismas e do amor-serviço a uma *práxis* diária semelhante aquela vivenciada por Jesus Cristo, completamente voltada para as necessidades pessoais do ser humano e não para as questões hierárquicas das instituições.

Diante do exposto, faz-se necessário urgentemente discernir a ação do Espírito Santo, atualmente, a fim de que as Igrejas cristãs possam superar o autoritarismo, eclesiástico e espiritual, neste tempo. Dessa forma, tem-se por objetivo demonstrar de forma análoga e resumida que assim como na teologia católica o Espírito Santo, desenvolveu e continua desenvolvendo um papel central na Igreja, sobretudo a partir do Concílio Vaticano II, da mesma forma, o mesmo Espírito foi fundamental para uma guinada teológica nas Igrejas cristãs protestantes. Pelo lado católico, lançar-se-á um breve olhar a partir do Concílio Vaticano II. Já, na eclesiologia protestante, limitar-se-á a análise apenas do movimento de evangelização mundial conhecido como *Congresso de Lausanne*, realizado em 1974, na Suíça¹⁸⁷.

4.3.1.

Um breve olhar no universo católico – o Concílio Vaticano II

¹⁸⁶ Cf. CONGAR, *Ele é o Senhor e dá a vida*, op. cit., p. 18.

¹⁸⁷ Cf. CAVALCANTI, Robinson. *O Congresso de Lausanne e a Missão Integral da Igreja*. www.ftl.org.br, acesso em 18/05/2011 às 03hs06'. Segundo o Bispo anglicano Dom Robinson Cavalcanti, a revista semanal norte-americana *Time* considerou o Congresso Internacional para a Evangelização Mundial, de 1974 – o Lausanne I – como “o Vaticano II dos Evangélicos”. Sem dúvida foi o mais amplo em representatividade de países e de denominações e o mais importante encontro mundial protestante do século XX. E o seu documento final, o *Pacto de Lausanne*, tem sido considerado, ao lado do *Credo Niceno* e da *Confissão de Westminster* como um dos três mais importantes documentos confessionais da História do Cristianismo.

Sabe-se que, de acordo com a compreensão católica, a Igreja é “um organismo vivo, animado e dirigido pelo Espírito Santo, que conserva vitalmente, sua lei dentro de si”¹⁸⁸. Todavia, como foi demonstrado no processo de sua institucionalização, sutilmente a Igreja foi sendo cerceada da ação do Espírito pelas suas estruturas hierárquicas. Desde a virada constantiniana (325 d.C.), em que o cristianismo se tornou a religião oficial do Império Romano e a Igreja foi sendo estruturada, hierarquicamente, assumiu-se a ideologia do Império, e, em parte, a Igreja começou a ser institucionalizada, com todas as suas implicações.

Segundo Ghislain Lafont, a reforma gregoriana (Séc. XII) trouxe uma nova imagem para a Igreja. Essa nova imagem estava diretamente relacionada ao nome do papa Gregório VII, principalmente, por causa da sua forte influência eclesiológica. A reforma resgatou, exaltou e proclamou a esperança de salvação na Igreja de Cristandade, sobretudo, por intermédio do sacerdócio. A vida sacerdotal foi consagrada e exemplificada como modelo para toda a sociedade. E, de certa forma, a ação do Espírito permaneceu obscurecida na Igreja hierarquizada. Com efeito, o Concílio de Trento (1562-1563) e a contra reforma retomaram a ideologia da reforma gregoriana em contraposição a Martinho Lutero e os reformadores, que reconheciam apenas o sacerdócio comum dos fiéis em detrimento do sacerdócio ordenado¹⁸⁹. No entanto, não houve nenhuma mudança significativa em relação ao papel do Espírito na Igreja.

Não obstante, o padre Y. Congar reconheceu que tanto o concílio Tridentino quanto o Vaticano I (1869-1870) não ignoraram, por assim dizer, a Igreja como Corpo de Cristo, nem a ação do Espírito. Na verdade, em ambos os concílios apenas foram acentuados os aspectos institucional e hierárquico da Igreja, devido às circunstâncias históricas. Seja como for, essa ênfase na Igreja-instituição impediu ou, pelo menos, limitou o fluir do Espírito Santo.

Além disso, o Espírito continuava a soprar sobre a Igreja Católica e, aos poucos, a sua liderança eclesiástica, guiada por Ele, foi se tornando mais flexível.

¹⁸⁸ CONGAR, *Introdução ao mistério da Igreja*, op. cit., p. 5. Posição defendida pelo eclesiólogo Ives Congar contra uma visão de Igreja como religião do livro implícita, segundo o autor, no conceito protestante ou reformado da Igreja.

¹⁸⁹ Cf. LAFONT, op. cit., p. 53.

Prova disso, foi que a partir do Concílio Vaticano II (1962-1965) a Igreja tratou de corrigir alguns excessos da hierarquização ¹⁹⁰.

Leonardo Boff também admitiu que o Vaticano II foi fundamental para a eclesiologia católica. A partir dele houve uma virada teológica e eclesiológica. A Igreja percebeu que o mundo é o local onde Deus está construindo o seu Reino e que ela é o instrumento pelo qual Cristo, por intermédio do Espírito, está atuando e concretizando o Reino, historicamente, na terra ¹⁹¹. Dessa forma, superou-se a ideologia da Igreja de Cristandade, resgatou-se a centralidade da ação do Espírito na Igreja, e se aceitou o desafio de ser Igreja Sinal. Pois, na teologia dos sinais dos tempos, parte-se da insistência do Vaticano II de que a Igreja está inserida no mundo. Portanto, ela participa das angústias e esperanças da humanidade. Assim, a Igreja é “convocada a ser um fator de mudança e uma força histórica de humanização do mundo” ¹⁹².

Em suma, é nítido que em nenhum momento na história o vento do Espírito deixou de soprar sobre a eclesiologia católica. Ao contrário, desde o dia de Pentecostes, quando a Igreja se manifestou ao mundo como nova criação, até os dias de hoje a fim de dar continuidade à obra iniciada e realizada por Cristo, o Espírito Santo e os apóstolos sempre trabalharam em conjunto, unidos um ao outro, por Cristo, para a edificação da Igreja ¹⁹³. E, conquanto, reconheçam-se todas as dificuldades que ainda persistem na eclesiologia católica, há esperança para o futuro da Igreja. Pois, de acordo com L. Boff, percebe-se que nesses últimos tempos o vento do Espírito tem soprado sobre a Igreja e tem se levantado uma voz do seio da Igreja instituição para renovar a Igreja. Mediante uma reflexão mais profunda do Evangelho e uma re-leitura teológica da realidade, está sendo gerada uma renovação dentro da Igreja Católica. Essa nova forma de ser Igreja, que emerge do interior da mesma, faz a esperança ressurgir na Igreja Povo de Deus. A Igreja Católica não mais tenta limitar ou engessar o poder do Espírito, através da institucionalização do poder. Ao contrário, esse novo modo de ser Igreja busca ser uma Igreja de Cristo para o mundo e no mundo. Esta Igreja é sinal na medida em que não vive centralizada em torno de si mesma, das suas

¹⁹⁰ Cf. CONGAR, *Igreja serve e pobre*, op. cit., p. 81.

¹⁹¹ Cf. BOFF, op. cit., p. 25.

¹⁹² *Ibid.*, p. 45.

¹⁹³ Cf. CONGAR, *Introdução ao mistério da Igreja*, op. cit., p. 120.

estruturas, da sua hierarquia, porém, é sacramento de Cristo e do Espírito direcionada para o mundo, sobretudo, para os pobres, para os destituídos de poder. E, no processo de conversão, ela permite uma adequada encarnação do Evangelho de Jesus Cristo, tornado-se um instrumento de libertação de Deus, para a humanidade ¹⁹⁴.

Enfim, o Concílio Vaticano II foi fundamental para que a Igreja Católica recuperasse uma imagem equilibrada da Igreja. Ela passou a valorizar muito mais o ser humano e a sua liberdade, bem como, a sociedade como um todo. Ela não se propõe mais a dar respostas, no entanto, a buscar juntamente com a humanidade descobrir e discernir os rumos do Espírito. A Igreja se abriu para dialogar com o mundo, numa ação ecumênica, sem precedentes na História. Somente pelo poder do Espírito é que tais mudanças ocorreram na eclesiologia católica.

4.3.2.

O universo protestante evangelical – o Congresso de Lausanne

O movimento conhecido como *O Congresso de Lausanne* teve o seu marco em 1974, na cidade de Lausanne, na Suíça, com o lema inspirado no profeta Isaías (Cf. Is 61,1-2), conclamando a todos para que “o mundo ouça a voz de Deus” ¹⁹⁵.

De acordo com Alessandro Rocha, esse tempo fora marcado pelo individualismo, acentuadamente capitalista, em que as relações sociais na América Latina eram manchadas pelas injustiças sociais e má distribuição de renda. Dessa forma, tornando os ricos cada vez mais ricos, e os pobres cada vez mais pobres ¹⁹⁶. Paradoxalmente, o *Congresso de Lausanne* estava sendo financiado por uma cúpula de norte-americanos bem abastados, financeiramente.

¹⁹⁴ Cf. BOFF, *op. cit.*, p. 116.

¹⁹⁵ O CONGRESSO DE LAUSANNE. *A missão da igreja no mundo de hoje: principais palestras do Congresso Internacional de Evangelização Mundial realizado em Lausanne, na Suíça*. São Paulo: Aliança Bíblica Universitária, 1982. pp. 7-9.

¹⁹⁶ Cf. ROCHA, Alessandro. *Espírito Santo: aspectos de uma pneumatologia solidária à condição humana*. São Paulo: Vida, 2008. p. 166.

Todavia, estes eram em sua teologia fundamentalistas e dualistas, distanciando ainda mais, os cristãos protestantes da sociedade. Ademais, eram conservadoristas e antiecumenistas. E, inicialmente, o movimento surge como uma reação à Teologia Liberal. Contudo, o Vento do Espírito soprava desde o início do Congresso. Pois, estavam também presentes no congresso outros teólogos representantes de outras partes do mundo, como da América Latina e do Caribe, tais como: René Padilla, Samuel Escobar, Robinson Cavalcanti, os quais contribuíram significativamente para uma virada teológica com reflexões profundas sobre as estruturas sociais opressoras e manipuladoras, e, os contextos culturais dos povos a serem evangelizados. Isso provocou uma mudança teológica qualitativa nas pretensões daqueles que financiaram o congresso.

Não obstante, a tarefa principal da Teologia da Missão Integral (TMI)¹⁹⁷, na América Latina, resume-se em “fazer a voz de Deus ser ouvida em sua integralidade e pela integralidade dos homens e das mulheres”¹⁹⁸ que vivem em um continente marcado pela opressão. Robinson Cavalcanti, grande pensador presente no *Congresso de Lausanne* que influenciou fortemente as perspectivas teológicas do congresso, afirmou que a teologia só faz sentido se estiver a serviço da evangelização integral de todo homem e para o homem todo¹⁹⁹.

O Espírito Santo soprou sobre as Igrejas cristãs protestantes, e elas enfim despertaram. Libertando-se, em parte, de uma visão dualista da realidade e se abrindo para as questões sociais do mundo ao seu redor. Por isso, a pergunta que subjazia no Congresso era como proclamar a justiça de Deus em um mundo onde reina a injustiça? De fato, esse era o ponto central do *Congresso de Lausanne* que, lamentavelmente, as Igrejas cristãs ainda não parecem ter conseguido superar totalmente até os dias de hoje, sobretudo, nos países considerados de Terceiro Mundo. Todavia, o Espírito tem soprado sobre as Igrejas protestantes enfatizando a urgente necessidade de se redefinir a sua missão à luz da vida e obra de Jesus

¹⁹⁷ Cf. CAVALCANTI, Robinson. *A utopia possível: em busca de um cristianismo integral*. Viçosa: Ultimato, 1993. p. 45. Segundo Robinson Cavalcanti, a TMI é uma Teologia Holística. Isso não significa dizer que ela seja um meio termo entre os fundamentalistas e os liberais, ou que ela esteja “em cima do muro”. Antes, a Teologia Holística, apesar de não fazer uma opção radical por nenhum dos dois lados do pêndulo teológico, busca, íntegra e integralmente, sustentar os princípios bíblicos e evangélicos, sobretudo, anunciando o Evangelho da redenção. Tendo como referencial “o Reino de Deus e seus valores, em sua plenitude escatológica e em suas possibilidades históricas”.

¹⁹⁸ Cf. ROCHA, *op. cit.*, p. 163.

¹⁹⁹ Cf. CAVALCANTI, *op. cit.*, p. 26.

Cristo. Conquanto houvesse tensões de todos os tipos, a abordagem teológica do Congresso, bem como o espírito de Lausanne, levou os teólogos protestantes a refletirem acerca da missão integral da Igreja. Como bem observou A. Rocha, o tema principal da teologia de Lausanne, passou a ser “o evangelho todo, para todo homem e o homem todo”²⁰⁰. Dessa forma, pôde-se perceber que houve uma virada da matriz teológica teocêntrica, para uma matriz teológica antropocêntrica. Mais do que isso, uma mudança de paradigma do pecado pessoal do indivíduo, para o pecado estrutural da sociedade²⁰¹.

De acordo com John Stott o presidente do *Congresso de Lausanne*, ao se referir sobre o Congresso, afirmou que se tratava de “um processo, não apenas de um evento”²⁰². Isso implica dizer que o Espírito presente em Lausanne continuaria (e continua) a agir, mesmo após o encerramento do evento. De fato, isso pôde ser evidenciado, imediatamente, através do processo de redação do documento final chamado *O Pacto de Lausanne*. O próprio John Stott, presidente da comissão que redigiu o *Pacto*, declarou: “Pode-se dizer que o *Pacto de Lausanne* exprime um consenso do espírito e do clima reinantes no *Congresso de Lausanne*”²⁰³ (Grifo do autor). Esse “movimento” tinha como objetivo principal a evangelização de homens e mulheres concretos, situados em grupos que ainda não possuíam uma presença cristã evangélica significativa, impulsionando as Igrejas protestantes à uma reflexão teológica sobre assuntos relacionados à evangelização do mundo²⁰⁴.

²⁰⁰ ROCHA, *op. cit.*, p. 169.

²⁰¹ Cf. KIVITZ, Ed René. *Quebrando paradigmas*. São Paulo: Abba Press, 1995. p. 27. Nessa obra, o autor relata como a proposta da missão integral foi importante para as Igrejas protestantes perceberem a necessidade de se abrir para resgatarem as pessoas inteiramente, isto é, física e espiritualmente. Inclusive enfatizando a necessidade de superação do grande paradigma religioso culto-clero-domingo-templo que foi cristalizado pelas Igrejas cristãs, ao longo dos tempos.

²⁰² STOTT, John. *John Stott comenta o Pacto de Lausanne: uma exposição e comentário*. Série Lausanne 4. São Paulo: Aliança Bíblica Universitária, 1983. p. 8.

²⁰³ *Ibid.*, p. 7.

²⁰⁴ Cf. PACTO DE LAUSANNE. Cf. <http://www.lausanne.org/pt/covenant>, parágrafo 2 do *Pacto de Lausanne*, acesso em 11/10/2011, às 02h33'. O *Pacto de Lausanne* não definiu exatamente a relação entre a evangelização e a responsabilidade social das Igrejas protestantes. Conquanto no parágrafo seis afirme que “na missão de serviço sacrificial da Igreja, a evangelização é primordial”, o que poderia evidenciar certa prioridade de se evangelizar sobre qualquer outra coisa, isso não dissipou as dúvidas sobre “o que é” e “de quem é” a responsabilidade social, e como ela se relaciona com a evangelização. Por isso, foram debatidos alguns temas que serviram para as *Consultas de Evangelização Mundial*, a maioria realizada em Pattaya, na Tailândia em 1980, as quais mantiveram acesa a chama do espírito de Lausanne como matriz de uma teologia protestante latino-americana e passaram a constituir a Série Lausanne, distribuída em 10 volumes, os quais se encontram nas referências bibliográficas.

Além disso, é importante lembrar que o Espírito em Lausanne ratificou a consciência de que um cristão autêntico se caracteriza por manter uma atitude vigilante em relação ao rumo da história. Samuel Escobar demonstrou que, a exemplo do apóstolo Paulo, o cristão crê na segunda vinda de Cristo, contudo, ele “não se perde em especulações ociosas ou num escapismo irresponsável” (Cf. 1Cor 7,29-31) ²⁰⁵. Ao que parece, Paulo já advertia os cristãos do seu tempo sobre a necessidade de se enfrentar os problemas históricos sociais, pois quem não quisesse trabalhar, também não deveria comer (Cf. 2Ts 3,6-13). Logo, não se deve desprezar a realidade material e social como se elas fossem uma secularização do mundo espiritual ou estivessem em contraposição a este. Essa compreensão dicotômica da realidade, levará as pessoas à valorização apenas do mundo espiritual, e em alguns casos, conduzindo-as a uma existência medíocre. Afinal de contas, a proposta de Jesus Cristo é a salvação integral do ser humano. Pois, nas palavras de Hoke Smith:

A salvação que Cristo oferece abarca a totalidade do homem, sim, sua vida carnal, o que come, suas dores, suas fraturas, suas enfermidades corporais ou mentais. Cristo Jesus veio para que tenhamos vida e para que a tenhamos em abundância; não parcial, para uma parte do nosso ser. Tudo o que Deus criou é objeto do seu amor e de sua obra redentora ²⁰⁶.

Isso implica dizer que servir a Cristo envolve muito mais do que uma vida piedosa, moralista e legalista. Para refletir a imagem e semelhança de Deus (Cf. Gn 1,26) é preciso ter integridade no caráter; iniciativa no cumprimento da missão, sensibilidade em relação às necessidades físicas, emocionais, sociais e espirituais; e, esperança no novo nascimento que é produzido pela ação do Espírito (Cf. Jo 3,1-8). Sem dúvida, o Espírito foi o protagonista desse movimento de evangelização mundial e integral. Isto ficou claro na redação final do *Pacto*:

Afirmamos (...) através dela (A Palavra de Deus) o Espírito Santo fala ainda hoje. Ele ilumina as mentes do povo de Deus em toda cultura, de modo a perceberem a sua verdade, de maneira sempre nova, com os próprios olhos, e assim revela a toda a igreja uma porção cada vez maior da multiforme sabedoria de Deus ²⁰⁷.

²⁰⁵ ESCOBAR, Samuel In MCCONNELL, Willian (Ed.). *Tive fome: um desafio a servir a Deus no mundo*. Série Lausanne 1. São Paulo: Aliança Bíblica Universitária, 1986. p. 11.

²⁰⁶ SMITH JR., Hoke. *El Hombre: una perspectiva bíblica*. Buenos Aires: Paidós, 1972. p. 22.

²⁰⁷ PACTO DE LAUSANNE, *op. cit.*, parágrafo 2, acesso em 11/10/2011, às 02h33’.

Enfim, o ser humano não é um ser genérico, abstrato, descartável ou apenas massa de manobra do Espírito Santo. Ele deve ser entendido como o homem e a mulher concretos, em toda a sua radicalidade e volitividade. Sendo assim, cada e todo ser humano alcançado pelo poder transformador do Evangelho, deve se tornar um agente de transformação histórico, através da intercessão e da ação transformadora, movido pelo Espírito Santo, proclamando a glória de Deus ²⁰⁸.

4.4.

Redescobrimos uma nova forma de ser Igreja

Até aqui, demonstrou-se como o Espírito Santo trabalhou a fim de superar o autoritarismo nas Igrejas cristãs. Desde o momento histórico da sua instituição no dia de Pentecostes, até os dias atuais o Espírito continua iluminando, homens e mulheres, para que a vida humana seja restaurada através da Igreja de Cristo. Tanto o Concílio Vaticano II quanto o Congresso de Lausanne demonstraram uma forte preocupação com a vida humana, não apenas na dimensão espiritual, mas, também no aspecto social e humano, denunciando que toda forma de manipulação, dominação, opressão, escravidão ou qualquer tipo de autoritarismo produz morte. Desse modo, o Espírito tem atuado a fim de que as Igrejas cristãs se unam e se abram às questões sociais da humanidade que têm dificultado ou até impedido que a vida se concretize, ainda que não em toda a sua plenitude, culminando com uma nova compreensão do que é ser Igreja a partir da relação intra-trinitária que produz vida ²⁰⁹.

²⁰⁸ Cf. CAVALCANTI, Robinson. *Igreja: agência de transformação histórica*. Vol. II. Rio de Janeiro, São Paulo: Vinde, Sepal, 1987. p. 49.

²⁰⁹ FORTE, Bruno. *A Igreja: Ícone da Trindade*. São Paulo: Loyola, 2005. p. 25. O autor contribuiu com uma auto-concepção católica, a partir do Concílio Vaticano II, do que é ser Igreja. Ele articulou a sua breve eclesiologia ao redor de três questões fundamentais, a saber: De onde vem a Igreja? O que é a Igreja? E, para onde vai a Igreja? Com o objetivo de demonstrar que o ministério hierárquico passou a ser visto *na* e *para* a Igreja, e não para além dela. Ademais, ele esclareceu que a comunhão eclesial não se esgota em si mesma. Antes, ela possui sua origem na Trindade e sua dimensão escatológica aponta e remete para a comunhão trinitária.

O Espírito tem movido teólogos contemporâneos para escreverem sobre o Espírito de Deus que produz vida, como por exemplo: Yves Congar, Gustavo Gutiérrez e Jürgen Moltmann. Portanto, para que as Igrejas cristãs sejam identificadas, de fato, com o Corpo de Cristo, elas devem gerar vida, caso contrário, serão apenas “sepulcros caiados” (Mt 23,27). Evidentemente, somente será possível que as Igrejas sejam sinal de Deus na terra transbordando vida, paz e amor concreto se elas estiverem cheias do Espírito (Cf. Ef 5,18). Por isso, convém relembrar as palavras de Jesus, com relação ao Espírito Santo: “Se alguém tem sede, venha a mim e beberá, aquele que crê em mim! Conforme a palavra da Escritura: De seu seio jorrarão rios de água viva” (Jo 7,37b-38) ²¹⁰. Assim, à luz destes três teólogos, pode-se intuir que essa nova forma de ser Igreja depende fundamentalmente da ação do Espírito que é Senhor da vida, doador da vida e, ao mesmo tempo, espaço vital para que ela floresça.

4.4.1.

A pneumatologia superando a hierarquia em Yves Congar (1904-1995)

Em sua brilhante trilogia sobre a pneumatologia, o padre dominicano Yves Congar ressalta a relevância do Espírito para a história cristã. No primeiro volume, *Revelação e experiência do Espírito Santo*, o autor demonstra como o Espírito foi revelado na Sagrada Escritura, e a maneira pela qual foi compreendido ao longo da história do cristianismo. No segundo volume, *Ele é o Senhor e dá a vida*, ele reflete sobre o papel do Espírito em animar a Igreja, sustentando-a por meio dos seus dons e frutos, presentes na vida dos cristãos. E, ainda faz uma breve reflexão sobre o movimento da Renovação Carismática Católica. No terceiro volume, *O rio da vida corre no Oriente e no Ocidente*, Y. Congar procura

²¹⁰ Cf. BÍBLIA SAGRADA. *Bíblia de Jerusalém*, op. cit., nota de rodapé “F”, p. 1862. De acordo com a nota de rodapé a água simboliza o Espírito Santo.

entender a função do Espírito Santo na Santíssima Trindade e nos Sacramentos, principalmente na Eucaristia.

Essa pesquisa, deter-se-á sobretudo ao segundo volume, pois como escrito no início do segundo capítulo, a Igreja é um organismo vivo dirigido e animado pelo Espírito ²¹¹. Além disso, o Espírito Santo que anima e sustenta o Corpo de Cristo é a fonte de vitalidade do Povo de Deus. Ou seja, Ele é o princípio transcendental que concretiza, unifica e santifica a Igreja ²¹². Isso implica dizer que o Espírito instituiu a Igreja juntamente com Cristo, no sentido Dele ser o seu fundamento permanente e o Espírito o sustentador da Igreja, por vontade do Pai. Ou seja, é pelo Espírito que a Igreja instituída por Cristo, subsiste ao longo dos tempos. É Ele que a mantém viva, dando-lhe vida, fazendo-a crescer.

Posto isto, se as Igrejas cristãs são fruto da própria relação entre Deus Pai, o Filho e o Espírito Santo, então não se deveria aceitar teologicamente a falsa oposição entre carisma e instituição, pois, certamente isto desestruturaria a unidade da Igreja. Antes, nesse novo modo de ser Igreja, deve-se entender que os dons do Espírito e a hierarquia das Igrejas são complementares e cooperam para a edificação, ensino e aperfeiçoamento do Corpo de Cristo (Cf. Ef 4,12). Portanto, não se faz necessária à hierarquização dos carismas. Porque o Espírito possibilita uma compreensão atualizada dos carismas e da hierarquia sem manipulação, visto que são duas realidades distintas e diferentes ²¹³.

Com efeito, o Espírito é o princípio unificador da Igreja, o princípio de comunhão (Cf. 2Cor 13,14). Cabe à hierarquia e aos fiéis guardarem “a unidade do Espírito pelo vínculo da paz” (Ef 4,3), até porque “há um só Corpo e um só Espírito” (Ef 4,4). O Espírito foi derramado à comunidade reunida em Jerusalém. A partir desse grupo, historicamente, foi constituída a Igreja de Cristo. Contudo, essa forma de ser Igreja não é meramente um agrupamento de pessoas com etnias diferentes. Ela deve ser fruto de comunhão, da fraternidade de pessoas que se unem em torno de Cristo. Pois, o princípio unificador começa em Deus, é instituído pelo Filho e sustentado pelo Espírito que produz a harmonia necessária para que haja unidade na diversidade. O Espírito transcende a hierarquia e a Igreja, pois Ele é o único que pode penetrar em tudo, sem nada violar nem

²¹¹ Cf. CONGAR, *Introdução ao mistério da Igreja*, op. cit., p. 5.

²¹² Cf. CONGAR, *Ele é o Senhor e dá vida*, op. cit., p. 75.

²¹³ Cf. *Ibid.*, p. 203.

violentar (Cf. Sb 7,22-23) ²¹⁴. Esta é a forma eficaz de Deus ser tudo em todos (Cf. 1Cor 15,28). E, apesar da diversidade, fazer com que a Igreja seja Una.

Mais do que isso, o Espírito universaliza a Igreja. No dia de Pentecostes, Ele foi derramado sobre todos os presentes possibilitando às pessoas entenderem em suas respectivas línguas, as maravilhas de Deus (Cf. At 2,6-11). O Espírito continua capacitando o ser humano a compreender a Palavra em seu tempo. Ele assiste à comunidade dos fiéis a fim de que os cristãos em seu ambiente cultural possam interpretar corretamente a Escritura Sagrada. Não foi por acaso que Jesus afirmou que o Espírito conduziria a Igreja pelo caminho da verdade (Cf. Jo 14,15.26; 15,26; 16,13-15). Assim, o Espírito conduz as Igrejas para que o Povo de Deus supere a necessidade de um mestre ou um guia espiritual (Mt 23,8) ²¹⁵.

Outra consideração importante é que o Espírito mantém a apostolicidade das Igrejas. Ele assegura a perfeita continuidade entre os ensinamentos de Cristo, dos seus discípulos e da *práxis* das lideranças eclesiais, sem danificar o conteúdo da mensagem cristã. Justamente porque a apostolicidade não é fruto apenas de uma sucessão hierárquica na Igreja, por meio de ordenanças, em um sentido restrito. Mas, da ação do Espírito atuando de forma viva e dinâmica no Corpo de Cristo, em um sentido mais amplo. Sendo assim, cabe ao Espírito Santo a função de “garantir a ligação de continuidade e até de identidade entre o Alfa e o Ômega, na categoria de testemunho” (Cf. Jo 14,16.26; 15,26-27) ²¹⁶.

Nota-se que somente a partir do Espírito é possível construir uma nova forma de ser Igreja. Pois, graças à direção do Espírito é que as Igrejas cristãs primitivas foram instituídas e foram se estabelecendo (Cf. At 9,31; 16,6-7; 20,22-23). E, este mesmo Espírito mantém as Igrejas, como organismos vivos e atuantes na terra. Ademais, o Espírito que possibilita à humanidade experimentar o novo nascimento (Cf. Jo 3,3-8), vivifica o ser humano, e santifica as Igrejas, no sentido de que todos os membros são chamados a ser santos (Cf. Rm 12,13; 1Cor 1,2; 6,1-2; 14,33; Ef 2,21; 4,12; Fl 1,1; 4,21-22; Cl 1,1.4; 1Pd 2,5).

Apesar disso, essa nova forma de ser Igreja se expressará principalmente através do amor concreto, pois, o amor em ações caracteriza o agir do Espírito na vida humana. O Espírito que habita no interior do ser humano, tornando-o templo

²¹⁴ Cf. *Ibid.*, p. 33.

²¹⁵ Cf. *Ibid.*, p. 49.

²¹⁶ *Ibid.*, p. 62.

do próprio Espírito Santo (Cf. Rm 8,9; 1Cor 3,16; 6,19; 2Cor 6,16), tem como fruto essencial o amor (Cf. Gl 5,22). Ademais, tanto Cristo quanto o Seu Espírito foram enviados, por causa do amor de Deus, ao coração do homem a fim de que este se tornasse filho de Deus por adoção (Cf. Rm 8,14-16; Gl 4,4-6). Sendo assim, Deus realiza a sua presença, através do Seu Espírito, em meio a humanidade “como termo da relação filial, isto é, como objeto de conhecimento e amor”²¹⁷. Dessa forma, o próprio Deus, por amor, se dá ao ser humano. Além disso, o Espírito Santo leva a humanidade a se constranger com o amor de Cristo (Cf. 2Cor 5,14). Assim, Ele personaliza e interioriza a vida em Cristo, no ser humano²¹⁸: “Cristo em vós, a esperança da glória!” (Cl 1,27). Entretanto, uma Igreja totalmente edificada em amor (Cf. Ef 4,16) só será possível se a *práxis* cristã estiver permeada pelo Espírito. Por isso, cabe aos cristãos buscarem uma conduta ética cristã que expresse o fruto do Espírito e suas manifestações (Cf. Gl 5,22) e seja compatível com as ações do Espírito: “Se vivemos pelo Espírito, pelo Espírito pautemos também nossa conduta” (Gl 5,25).

Em suma, o Espírito Santo atuou e continua ativo por intermédio da Palavra e do amor cristão (Cf. 1Ts 1,5; 4,8; 1Pd 1,12), testemunhando a respeito de Jesus (Cf. Jo 15,26; 16,13-14). Por isso, cada cristão deve buscar orar no Espírito a fim de que possa superar a religiosidade vã, redescobindo uma nova forma de ser Igreja (Cf. Tg 1,26-27). Entretanto, o essencial na oração no Espírito, não é a busca de realizações pessoais. Muito menos, meras repetições e súplicas. Ao contrário, a oração deve levar os cristãos a experimentarem uma comunhão íntima com Deus e com a vontade Dele. Pois, conquanto a humanidade e, por conseguinte, as Igrejas cristãs vivam uma forte tensão interior entre a carne e o Espírito (Cf. Gl 5,16-18) como fruto da condição salvífica humana entre o “já” e o “ainda não”, os cristãos são chamados a viverem *pelo* e *no* Espírito (Cf. Gl 5,25; 6,7-8). Mais do que isso, o chamado é para a vida em liberdade (Cf. Gl 5,13), pois, Cristo libertou a humanidade para que essa fosse livre no Espírito (Cf. Rm 8,1-2; Gl 5,1.13.18). No entanto, essa liberdade é fruto de um relacionamento íntimo com Deus, constituído e guiado pelo Espírito (Cf. Rm 8,26-27), pois, onde reside a presença do Espírito de Cristo, há liberdade (Cf. 2Cor 3,17). E, o Espírito

²¹⁷ *Ibid.*, p. 118.

²¹⁸ Cf. *Ibid.*, p. 137.

tem atuado com o intuito de reunir, isto é, reconciliar as Igrejas cristãs, sem renunciar as suas respectivas vocações religiosas, promovendo uma experiência que possibilita a comunhão e a fraternidade entre “todos os discípulos de Cristo na unidade visível de sua Igreja” ²¹⁹.

4.4.2.

A pneumatologia no estabelecimento da justiça e do direito em Gustavo Gutiérrez (1928-)

Percebeu-se à luz do pensamento de Yves Congar como é possível renovar a estrutura eclesial das Igrejas cristãs através da reflexão teológica sobre as ações do Espírito. Agora, a partir da teologia de Gustavo Gutiérrez, refletir-se-á sobre o movimento eclesial guiado pelo Espírito que surgiu diante da insatisfação com as estruturas sociais injustas e opressoras que culminou com a Teologia da Libertação devido ao abismo existente entre a reflexão teológica e a *práxis* cristã; com o objetivo de construir uma nova forma de ser Igreja em que seja possível a integração entre a teologia como saber racional e como sabedoria a fim de contribuir para a reconstrução de uma sociedade mais justa e igualitária; demonstrando que é possível superar a exploração e as injustiças sociais através do amor concreto e da solidariedade; e, unificando a “opção preferencial pelos pobres” com o estabelecimento da justiça e do direito.

G. Gutiérrez constrói a sua teologia a partir da *práxis* humana. Para ele, é inaceitável que na América Latina, majoritariamente cristã, a sociedade seja extremamente injusta e opressora. Diante dessa realidade, emerge a necessidade de se construir uma sociedade mais justa, livre e humana que vise, sobretudo, libertar os pobres e oprimidos. Para isso, os cristãos devem ser guiados pela Palavra e pelo Espírito Santo. Pois somente pelo mover do Espírito se assumirá um compromisso radical de repensar a fé cristã à luz dos problemas da realidade,

²¹⁹ *Ibid.*, p. 272.

sobretudo, dos pobres, resgatando a prática do amor e da esperança cristã. Sendo assim, entende-se que a função da teologia, bem como da eclesiologia, é contribuir para que as pessoas, iluminadas pelo Espírito, colaborem continuamente, no processo de reconstrução da sociedade baseada em valores como igualdade, fraternidade e liberdade, cabendo ao ser humano a responsabilidade de transformá-la. Pois, o ser humano é “agente do seu próprio destino”²²⁰ e a sua liberdade deve ser fruto da sua própria conquista.

Conquanto a Bíblia apresente a libertação entendida como salvação, e oferecida em Cristo como dom gratuito de Deus, essa libertação deve ser buscada e construída, principalmente, pela Igreja. Pois, teologicamente, a libertação em Jesus Cristo, constitui a essência e a missão das Igrejas cristãs. Para tanto, o Espírito as impulsiona para superarem a ruptura entre a teologia como sabedoria e como saber racional, que se deu porque a primeira estava estritamente voltada à espiritualidade e a última à intelectualidade. Todavia, G. Gutiérrez afirma que ambas as perspectivas são funções permanentes da teologia, “enquanto encontro entre a fé e a razão”²²¹. Contudo, somente pelo Espírito é possível mantê-las unidas. Nesse contexto, o Espírito suscita um novo modo de fazer teologia que abre as portas à uma nova eclesiologia. Assim, a partir do Concílio Vaticano II, reafirma-se “a idéia de uma Igreja de serviço e não de poder”²²². A partir daí, a teologia é desafiada a entrever os “sinais dos tempos”, como já indicava João XXIII às vésperas do Concílio²²³, como exigência de uma ação pastoral, enfatizando o compromisso e o serviço à humanidade. Essa teologia é libertadora e visa à transformação da história humana, possibilitando a reconstrução de uma sociedade e, conseqüentemente, de uma Igreja mais justa, humana e fraterna.

Com efeito, o Espírito que impulsiona o ser humano a se perceber como agente de seu próprio destino e a se libertar de tudo que o limita ou o impede de viver de forma autêntica e livre, aos poucos, foi produzindo uma nova consciência humana e eclesial que resiste as formas de opressão, visando a superação e a reconstrução de uma sociedade qualitativamente diferente, em que o ser humano

²²⁰ GUTIÉRREZ, Gustavo. *A Teologia da Libertação: perspectivas*. Petrópolis: Vozes, 1975. p. 10.

²²¹ *Ibid.*, p. 17.

²²² *Ibid.*, p. 20.

²²³ Cf. GUTIÉRREZ, Gustavo. *O Deus da vida*. São Paulo: Loyola, 2004. p. 136.

se torne uma nova criatura (Cf. 2Cor 5,17). Não obstante, apesar da atuação do Espírito, essa nova forma de ser Igreja ainda não se concretizou plenamente por causa do pecado. O autor afirma que “pecado é negar-se a amar os demais, por conseguinte, ao próprio Senhor”²²⁴. Isso significa que o pecado faz com que as pessoas se fechem em si mesmas. Biblicamente, ele é a causa de toda opressão, injustiça e miséria da humanidade. Contudo, se por um lado, o pecado entendido como egoísmo e fechamento, aprisiona e oprime o ser humano; por outro lado, a libertação é um ato de amor, pois o amor é liberdade. O Espírito de Cristo age para que o ser humano seja livre (Cf. Gl 5,1). Todavia, essa libertação só é possível mediante a ação do Espírito que restabelece a comunhão do ser humano com Deus e com os demais seres humanos. Sendo assim, a solidariedade se torna uma exigência para a transformação da realidade injusta e opressora, pois, Deus não se alegra com a injustiça, exploração e dominação²²⁵.

Por isso, as Igrejas cristãs devem se abrir às necessidades do mundo ao seu redor e construir uma Teologia do Político que faça uma “opção preferencial pelos pobres”²²⁶. Isto é, sob a iluminação do Espírito e a partir da realidade, é preciso construir uma nova forma de ser Igreja que se abra para a concretização do Reino na história. Pois, Deus veio ao encontro do ser humano e onde o Reino de Deus é instaurado, Ele se faz presente e a sua presença é libertadora. Portanto, não é possível ser cristão e permanecer indiferente às necessidades das pessoas, sobretudo, dos injustiçados e necessitados. O autoritarismo e as injustiças sociais são algumas formas de opressão. Deus rejeita a opressão, pois toda forma de opressão é morte. E, contrariamente, Ele é o Deus da vida²²⁷, pois, o Espírito do Senhor comunica vida (Cf. Jo 6,63; 2Cor 3,6). Ademais, Deus é o Deus da vida porque a fonte de toda a vida “é o amor de Deus” (1Jo 4,8)²²⁸. O amor real e concreto liberta. Deus, na pessoa de Jesus Cristo liberta e redime a humanidade, por amor. Por conseguinte, o Espírito impele a Igreja de Cristo para uma vida fundamentada no amor concreto. A liberdade baseada no amor deve ser o

²²⁴ GUTIÉRREZ, *A Teologia da Libertação*, op. cit., p. 43.

²²⁵ Cf. *Ibid.*, p. 251.

²²⁶ ANDRADE, Paulo Fernando Carneiro de. *Fé e Eficácia: o uso da sociologia na teologia da libertação*. São Paulo: Loyola, 1991. p. 264. Sobre este tema ver importante obra.

²²⁷ Cf. GUTIÉRREZ, *O Deus da vida*, op. cit., p. 25.

²²⁸ Cf. *Ibid.*, p. 33.

referencial para nortear a vida de cada ser humano. Porque a liberdade plena sempre leva à vida com respeito, diálogo, dignidade e, sobretudo, amor.

Desse modo, entende-se que Deus não está a favor daqueles que exploram e oprimem, porque Ele não compactua com a dominação. Leonardo Boff afirma que quando se fala em “opção preferencial pelos pobres” se quer dizer que essa opção não é espiritual, nem metafórica, mas real e histórica. É uma opção feita pelos pobres que foram feitos pobres, através da opressão e das injustiças sociais. Deus se põe em favor destes porque é um Deus da vida e se alguém sofre qualquer tipo de ameaças “Deus toma partido por ele, para proteger e promover-lhe a vida” ²²⁹. A opção de Deus visa estabelecer o direito e a justiça, cabe às Igrejas cristãs fazerem a mesma opção que Ele. Sendo assim, “os ricos que façam a opção pelos pobres (...); os pobres que optem por outros pobres e até pelos mais pobres que eles” ²³⁰. Pois o pobre opressor se torna alvo da ira divina ao contribuir para a manutenção das estruturas sociais injustas e opressoras (Cf. Sl 5,5; 26,5). Portanto, as Igrejas devem promover a libertação integral dos pobres.

Sendo assim, o Espírito tem despertado as Igrejas cristãs a lutarem contra as injustiças sociais, a exploração e a opressão, inclusive dos pobres sobre os mais pobres, sem necessariamente excluir os ricos. As Igrejas devem se engajar na luta pelo estabelecimento da justiça e do direito. Pois, tanto no AT quanto no NT, o plano salvífico de Deus para a humanidade é o estabelecimento da justiça e do direito. Toda a revelação divina aponta para uma sociedade mais justa e igualitária. G. Gutiérrez segue um fio condutor histórico para mostrar que a revelação de Deus aponta para a libertação. Deus se revela na história a partir de fatos históricos. Por isso, a história bíblica está aberta para o futuro, pois “a libertação do Egito é um fato que passaria a ser relido constantemente, iluminando outras intervenções históricas” de Deus ²³¹. Essa história se desenvolve até culminar com o maior ato libertador de Deus: Jesus Cristo. Ele é o cumprimento de todas as promessas da revelação do Pai (Cf. Mc 1,15; Gl 4,4-5; Ef 1,10; 1Tm 2,5-6; Hb 1,1-2; 9,26). Conforme o autor, “Jesus Cristo é precisamente Deus feito pobre” ²³². Ele é a nova Aliança para a qual convergiam todas as promessas (Cf.

²²⁹ BOFF, Leonardo. *Do lugar Do Pobre*. Petrópolis: Vozes, 1984. p. 53.

²³⁰ *Ibid.*, p. 54.

²³¹ GUTIÉRREZ, Gustavo. *A força histórica dos pobres*. Petrópolis: Vozes, 1981. p. 19.

²³² *Ibid.*, p. 27.

2Cor 1,20). Ele é aquele que veio trazer libertação para os cativos e restituir a liberdade aos oprimidos, em cumprimento à profecia (Cf. Is 61,1; Lc 4,18).

Por tudo isso, torna-se mais do que necessário construir um novo modo de ser Igreja, fundamentado à luz dessa nova teologia. Convém ressaltar, o pensamento de Jon Sobrino de que a Igreja dos pobres é essa nova forma de ser Igreja. O autor afirma que ela é uma “ruptura com outras formas tradicionais de ser Igreja”²³³. Sobrino coloca em equivalência a ressurreição de Cristo com o ressurgimento da Igreja, e recorre ao Vaticano II para afirmar que a Igreja vista sob essa nova perspectiva não se preocupa apenas com os pobres, nem se restringe a eles, mas, busca ser uma Igreja aberta a todos os grupos distintos. Dessa forma, o Espírito tem estimulado as Igrejas cristãs à convivência harmoniosa com diversos grupos sociais distintos, sem opressão nem exclusão. Nota-se que “o Espírito de Jesus está nos pobres e a partir deles recria a totalidade da Igreja”²³⁴. Portanto, devem-se romper as barreiras seculares e sociais entre hierarquia e fiéis, pobres e ricos. Afinal, essa nova forma de ser Igreja busca por uma Igreja verdadeiramente guiada pelo Espírito, pois somente através da ação do Espírito é que se estabelecerá a justiça e o direito.

4.4.3.

A pneumatologia libertando para a vida em Jürgen Moltmann (1926-)

O Espírito foi conduzindo a história cristã a fim de que as Igrejas fossem reinterpretando a fé cristã à luz do seu tempo, possibilitando a atualização do *querigma* cristão. O Espírito de Cristo tem agido para vivificar as Igrejas, destruindo as barreiras religiosas e institucionais, bem como, desfazendo as formas de opressão e o autoritarismo que conduzem à morte. Assim, o Espírito tem libertado as Igrejas cristãs para uma “vida em abundância” (Jo 10,10b).

²³³ SOBRINO, Jon. *Ressurreição da verdadeira Igreja: Os pobres, lugar teológico da ecclesiologia*. São Paulo: Loyola, 1982. p. 94.

²³⁴ *Ibid.*, p. 102.

Conforme o autor, o Espírito produz no interior do coração das pessoas um avivamento que as possibilita suportar e superar as dificuldades da vida, tornando-as sujeitos da sua própria história. As pessoas não agem mais meramente como ouvintes passivos (Cf. Tg 1,22), porém, elas são encorajadas pelo Espírito para ouvir, praticar e proclamar a Palavra ensinada pelo próprio Espírito (Cf. Jo 14,26; 16,13). Unindo o pensamento de J. Moltmann à G. Gutiérrez, pode-se ver uma amplitude do pensamento de Y. Congar, entendendo que a experiência do Espírito leva a superação da religiosidade e dos limites confessionais da Igreja e da fé. Ampliando os horizontes cristãos para a realidade social, entende-se que o Espírito da vida não extinguiu a criação primitiva manchada pelo pecado. Entretanto, Ele a redimiu, recriando-a “de seu pecado, de sua transitoriedade e de sua mortalidade, para a vida eterna, para a existência definitiva e para a glória eterna”²³⁵. Nota-se que a experiência do Espírito promove uma superação da cristandade, possibilitando uma comunhão maior entre as pessoas que ultrapassa os limites da religião, e pode ser identificada também, em toda a natureza criada.

Não obstante, J. Moltmann amplia o conceito de experiência do Espírito, abandonando a idéia de unificação dessas experiências. Ele alega que, atualmente, vive-se em um mundo plural, multidimensional e, portanto, essas experiências não podem ser limitadas ou moldadas por um determinado tempo e espaço. Sendo assim, a vida no Espírito não segue necessariamente a um padrão lógico e pragmático, nem pode ser reduzida ou determinada pela auto-experiência do sujeito humano. Logo, as Igrejas cristãs devem libertar os fiéis para vivenciarem as experiências do Espírito de Deus de forma aberta e flexível, superando toda forma de engessamento e absolutização que extinguirá o Espírito da Igreja (Cf. 1Ts 5,19). Portanto, esse novo modo de ser Igreja precisa considerar que a experiência do Espírito deve ser estendida para além da idéia de pessoa ou força. Ela implica em um espaço vital de liberdade onde a vida tende a se desenvolver. Pois, tanto no AT quanto no NT, o Espírito atuou *em* e *através de* homens e mulheres respeitando a liberdade do ser humano: “Pois o Senhor é o Espírito, e, onde se acha o Espírito do Senhor, aí está a liberdade” (2Cor 3,17)²³⁶.

²³⁵ MOLTSMANN, Jürgen. *O Espírito da vida: uma pneumatologia integral*. Petrópolis: Vozes, 1998. p. 21.

²³⁶ *Ibid.*, p. 45.

Ademais, na perspectiva do autor, no livro de Isaías há uma conexão entre a nova criação e o estabelecimento da justiça e do direito (Cf. Is 11,6ss; 65,17; 66,22ss). O Messias do Espírito inaugurou esse novo tempo pelo novo agir criador de Deus (Cf. Is 43,19). Com o cumprimento da promessa feita através de Joel (Cf. 3,1) no dia de Pentecostes (Cf. At 2,1-13), tornou-se possível a superação de toda forma de preconceito religioso, dominação e opressão que havia dos homens sobre as mulheres, dos senhores em relação aos escravos, dos adultos sobre as crianças. Assim, a experiência histórica da efusão do Espírito conduziu o Israel de Deus e toda a humanidade ao renascimento da vida ²³⁷, possibilitando às Igrejas o estabelecimento da justiça e do direito que liberta para a vivência de uma autêntica espiritualidade cristã (Cf. Mt 25,31-46). Todavia, essa espiritualidade foi reduzida à religiosidade. No entanto, a espiritualidade na Bíblia era compreendida como vitalidade, isto é, uma força criativa e criadora que partia de Deus, pois o Espírito de Deus e o Espírito de Cristo é o Espírito da vida. Esse Espírito é o princípio e a plenitude da vida ²³⁸. Conseqüentemente, a vitalidade do Espírito leva os seres humanos a amar a vida e a liberdade. Por meio desse amor, o Espírito impele as pessoas a lutarem contra as formas de opressão e dominação que produzem morte. Por isso, nessa nova forma de ser Igreja deve-se retornar à espiritualidade judaica e cristã, como na sua origem. As Igrejas cristãs devem ajudar os fiéis a construírem a vida e a espiritualidade fundamentada na vitalidade do Espírito que liberta para a vida concreta. É a vida integral, do corpo e da alma, vislumbrando o futuro, porém, ao mesmo tempo, vivida no presente. Assim, o Espírito da vida liberta o espírito humano do corpo e da alma, sem destruí-los. Pois, o Espírito livra a humanidade da opressão, do domínio do pecado e da morte (Cf. Is 58,6; Rm 8,2) para a vivificação, regeneração e glorificação no Espírito (Cf. Rm 8,11.13.14-17) ²³⁹. Contudo, tem sido difícil identificar o Espírito com o Deus libertador. De acordo com J. Moltmann, essa dificuldade reside no fato de que, nos países de Primeiro Mundo, a liberdade foi entendida em oposição a Deus. Isto porque os modernos ateístas defendem a idéia de que ou existe um Deus soberano e o homem não é livre; ou o homem é livre e, então, não pode existir um

²³⁷ Cf. *Ibid.*, p. 64.

²³⁸ Cf. MOLTSMANN, Jürgen. *A Fonte da Vida: O Espírito Santo e a teologia da vida*. São Paulo: Loyola, 2002. p. 20.

²³⁹ Cf. MOLTSMANN, *O Espírito da vida, op. cit.*, p. 98.

Deus autoritário ²⁴⁰. Todavia, não é necessário contrapor Deus à liberdade ou à autoridade. J. Moltmann segue na mesma linha de G. Gutiérrez e busca unir Deus à liberdade. Ele reconhece na Teologia da Libertação latino-americana “a primeira tentativa convincente de se unir a fé em Deus com o desejo de liberdade” ²⁴¹, pois, o Espírito liberta para a liberdade de vida (Cf. Gl 5,1). Contudo, às vezes, a liberdade é entendida apenas como autodeterminação humana. Nesse caso, o sujeito humano se torna totalmente autônomo. Realmente, o ser humano é livre, mas não deve usar essa liberdade para dar ocasião à carne (Cf. Gl 5,13). Com efeito, na política a liberdade é entendida como dominação, em que a liberdade de uns depende da não liberdade de outros. No entanto, a liberdade cristã deve superar esse modelo para uma liberdade de comunhão, em que não há nenhuma forma de dominação ou escravidão (Cf. Gl 3,28). Desse modo, mantém-se a individualidade humana sem cercear a liberdade. Contudo, a liberdade de comunhão só pode ser vivida no amor, na solidariedade e no Espírito. Ademais, ela supera a relação de dominação sujeito-objeto e transcende a relação de comunhão sujeito-sujeito para a relação de muitos sujeitos ²⁴².

Em um novo modo de ser Igreja a fé nessa esperança libertadora precisa se desenvolver. A fé, responsável pelo novo nascimento (Cf. Jo 3,1-7; Ef 2,8), deve crescer qualitativamente até se tornar madura. Pois essa fé levará os cristãos a redescobrirem o sentido da santificação. A santificação consiste na libertação da vida contra toda forma de opressão ou manipulação. Deve-se buscar uma atitude de respeito total pela vida, resistindo e renunciando quaisquer formas de violência, que ameaça e destrói a vida. O Deus que convida o ser humano à santificação é o Deus da vida. Ele é o Deus que criou, justificou e regenerou o ser humano para si, e aguarda uma resposta. Cabe ao ser humano, responder ao chamado divino à santificação. Pois, viver a vida em santidade no Espírito implica em viver em plena harmonia. Isto porque, o Espírito Santo não se relaciona com as pessoas de modo autoritário, “mas com carinho e consideração” ²⁴³. Assim, na comunhão do Espírito é possível ser um com Cristo, com o Pai e com os demais

²⁴⁰ Cf. *Ibid.*, p. 106.

²⁴¹ *Ibid.*, p. 110.

²⁴² Cf. *Ibid.*, p. 119.

²⁴³ MOLTSMANN, *A Fonte da Vida*, op. cit., p. 96.

seres humanos (Cf. Jo 17,21). Percebe-se que o Espírito é a força que promove a vida e, concomitantemente, o espaço vital para a concretização dessa vida ²⁴⁴.

Outra consideração importante, é que o Espírito capacita as pessoas à concretização da vida, por meio dos seus dons (Cf. 1Cor 12,11). Todo ser vivo, dotado do Espírito da vida, é responsável por cumprir o desígnio para o qual foi criado. Além disso, o Espírito continua influenciando e conduzindo os seres humanos a toda verdade, através dos seus dons, porque é o Espírito de verdade (Cf. Jo 14,17; 15,26; 16,13). Convém ressaltar que há apenas um Espírito, porém os dons são variados (Cf. 1Cor 12,4.11). E toda manifestação carismática deve estar voltada à concretização da vida e não para uma religiosidade alienada e alienante. Até porque, nas experiências do Espírito, Ele é experimentado como uma força vitalizante que impulsiona o ser humano à plenitude de vida integral. Pois, tanto a água viva quanto a fonte da água, no interior do coração humano (Cf. Jo 4,10.14), possui a mesma qualidade da fonte ²⁴⁵.

Enfim, J. Moltmann parte do conceito de comunhão para demonstrar que a comunhão, em si e por si, liberta o ser humano. Ela possibilita as pessoas se abrirem à subjetividade uns dos outros. O Espírito que procede da comunhão do Pai e do Filho (Cf. Jo 14,26; 15,26) foi enviado comunitariamente aos seres humanos, e estabelece a comunhão trinitária entre os seres humanos. Ou seja, à luz da comunhão trinitária, observa-se que assim como o Pai, o Filho e o Espírito Santo, sendo Pessoas distintas, existem em perfeita unidade e harmonia, também, os seres humanos podem partilhar dessa mesma comunhão. Contudo, o amor e a liberdade devem ser conservados nas relações interpessoais. Pois nas palavras do autor: “Sem liberdade o amor oprime a variedade do individual, sem amor a liberdade destrói o que é comum e o que une” ²⁴⁶. Dessa forma, compreende-se que a comunhão do Espírito é vivificante, porque ela recria a comunhão humana e a integra às relações interpessoais. A comunhão do Espírito extingue toda forma de manipulação, opressão e dominação, libertando os seres humanos a se abrirem para novas possibilidades de vida. Em suma, o Espírito transcende os limites das Igrejas. Ele impulsiona os cristãos para fora a fim de que possam vivenciar essa comunhão na vida cotidiana. A comunhão do Espírito irrompe a sociedade por

²⁴⁴ Cf. MOLTSMANN, *O Espírito da vida*, op. cit., p. 171.

²⁴⁵ *Ibid.*, p. 187.

²⁴⁶ *Ibid.*, p. 209.

meio das relações interpessoais e sociais mais diversas, através da Palavra de Deus e do Espírito. Portanto, as interações entre a Palavra e o Espírito superam os unilateralismos confessionais das Igrejas, produzindo uma Igreja de iguais ²⁴⁷.

Conclusão

Diante do exposto, pôde-se compreender que somente pela ação do Espírito Santo será possível superar todas as formas de opressão, dominação ou escravidão que têm levado muitas pessoas a se distanciarem das Igrejas cristãs. Pois, assim como o Espírito agiu no tempo do Pentecostes conduzindo aquela primeira geração de seguidores de Jesus Cristo para que eles pudessem vencer os obstáculos, bem como, os preconceitos e a religiosidade judaica, da mesma forma, Ele continuou agindo, ao longo da história. Os Dons e os carismas do Espírito foram essenciais para que as comunidades primitivas conseguissem vencer as dificuldades eclesiais e ministeriais que as desafiavam. Os primeiros cristãos tiveram que enfrentar as disputas religiosas, as tentativas de controle do poder, as tensões existentes entre a vida no Espírito e as tendências da carne (Cf. Gl 5,16). Todavia, pelo fato deles permanecerem fiéis aos ensinamentos de Jesus Cristo, o Espírito Santo os selou para a redenção em Deus (Cf. Ef 1,13-14). Sendo assim, enquanto as Igrejas forem guiadas pelo Espírito, “as portas do inferno nunca prevalecerão contra ela” (Mt 16,18).

Portanto, apesar do medo e do enrijecimento das estruturas eclesiais, é possível à Igreja de Cristo superar o hierarquismo e o autoritarismo, religioso e espiritual. Isso pôde ser constatado também, tanto a partir do Concílio Vaticano II quanto do Congresso de Lausanne, os quais foram fundamentais para que as eclesiologias, católica e protestante, conscientizassem-se de que as Igrejas somente cumprirão o seu papel profético de ser sinal de Deus na terra, na medida em que elas se abrirem concretamente às necessidades físicas, sociais e espirituais

²⁴⁷ Cf. MOLTMANN, *A Fonte da Vida*, op. cit., p.101.

das pessoas. O Espírito foi essencial nesse processo de superação, tornando as Igrejas cristãs mais justas, solidárias e igualitárias. Obviamente, reconhece-se que elas ainda caminham em direção a essa libertação integral. A tensão entre o “já” e o “ainda não” permanecem presentes, nas eclesiologias. Por isso, há a necessidade de se discernir a ação do Espírito neste tempo. Muitos movimentos populares têm apontado para a realidade de que o Espírito continua agindo dentro e fora das Igrejas. Algumas tragédias nesse tempo também servem para demonstrar como a solidariedade, apesar do egoísmo, do individualismo e da indiferença de alguns, ainda constitui uma marca essencial dos seres humanos. O Espírito tem suscitado no coração das pessoas um forte desejo de justiça e uma grande resistência a toda e qualquer forma de opressão e dominação. Mais do que isso, o Espírito tem agido a fim de que esta geração atual de cristãos continue lutando contra todas as formas de autoritarismo que limitam e matam a liberdade humana.

Por tudo isso, somente através de uma nova forma de ser Igreja totalmente guiada pelo Espírito, é que será possível a instituição de uma Igreja mais humana, que esteja mais voltada às necessidades concretas da sociedade. Uma Igreja que ultrapasse os dogmas e as doutrinas estabelecidas ao longo da história cristã, os quais, na maioria das vezes, produzem mais morte do que vida. Uma Igreja que busque construir uma espiritualidade cristã conectada com as necessidades físicas, emocionais e sociais da humanidade. Uma Igreja que rejeite todo tipo de morte, apesar de reconhecer a sua existência, e se engaje inteiramente numa grande luta em favor da vida. Em suma, apenas no Espírito Santo, como fonte e espaço vital de humanização ²⁴⁸, as Igrejas cristãs poderão encontrar o caminho para um novo modo de ser Igreja vivificante e atuante no mundo. Uma Igreja que a exemplo de Jesus Cristo atraia as pessoas para si, não por ser detentora ou dominadora de toda a verdade, mas, por se colocar humildemente no papel de ouvinte, procurando compreender os medos, os anseios e as angústias que têm assolado os corações humanos e descobrir, sob a iluminação do Espírito Santo, o caminho para a esperança que produz vida.

²⁴⁸ Cf. ROCHA, 2008. *Op. Cit.* p. 75.